

#9 ECOLITERACIA

MÁRIO CASTRIM
CARLOS LETRA
BOLOTA
UNICEF

ANILUPA
CARLOS NUNO GRANJA
A PALAVRA É TUA
CURIOSIDADES LITERÁRIAS

A CASA DO JOÃO

Tropelias & Companhia
Associação Cultural

**REVISTA DE
LITERATURA
INFANTIL E JUVENIL** 9 **SETEMBRO 2019**

REVISTA TRIMESTRAL. DISTRIBUIÇÃO ONLINE GRATUITA. EM PAPEL 3.85€. ISSN 2184-1233.
DIRETOR: JOÃO MANUEL RIBEIRO



FICHA TÉCNICA

Diretor

João Manuel Ribeiro

Diretor-adjunto

Andreia Abreu

Chefe de Redação

J. José Olim

Design e Paginação

Patrícia Alves

Redação

Lg. Eng. António de Almeida, 30
3.º andar – Sala DD3
4100-065 Porto

Propriedade e Edição

Tropelias & Companhia
Associação Cultural
Rua António Bessa Leite, 1516 C,
3.º Dto / 4150-074 Porto
Contribuinte 508828325

Orgãos Sociais

Mariana Vide Tavares
(Presidente da Mesa da Assembleia-geral)
João Manuel Ribeiro
(Presidente da Direção)
Ana Rosa Tavares
(Presidente do Conselho Fiscal)

N.º Registo ERC 127032

N.º ISSN 2184-1233

Depósito Legal 433086/17

Tiragem 200 exemplares

Periodicidade Trimestral

Impressão

Ulzama Digital
Pol. Ind. Areta, Calle Alzutxate, 51,
31620 Huarte, Navarra
Espanha

Estatuto Editorial

<https://www.acasadojoao.info/sobre>



CCA

Centro Cultural de Alameda
Associação Cultural de Alameda

CÁ EM CASA:

- 02 NOTÍCIAS
- 03 EDITORIAL
A Hora da Verdade
- 04 UMA HISTÓRIA POR DIA DÁ SAÚDE E ALEGRIA!
Mário Castrim
- 06 GALERIA DOA ESQUECIDOS: QUEM É QUEM
Mário Castrim
- 08 FALÁMOS COM
Carlos Letra
- 10 O MUNDO É A NOSSA CASA
O nosso mundo é verde e de todas as outras cores
- 12 DOSSIER
Eco literacia e Literatura Infantil e Juvenil
- 17 UAU!
UNICEF / ANILUPA / O CICLO EXPRESSO DAS
BARROCAS
- 24 DOS LIVROS PARA A TELA
Rohald Dahl – James e o pêssego gigante
- 26 A CASA DOS POETAS
Carlos Nuno Granja
- 28 LEMOS, GOSTÁMOS E...
RECOMENDAMOS!
- 32 VISITA GUIADA
A Casa Museu Egaz Moniz
- 34 OPINIÃO
Ricardo Azevedo
- 36 APROVEITA E EXPLORA
Dicas de escrita
- 38 A PALAVRA É TUA
- 40 CURIOSIDADES LITERÁRIAS
- 43 CITAÇÕES PARA PENSAR
- 44 DE VIVA VOZ
- 45 PARA BRINCALHARES
- 48 PASSATEMPOS

#9



Rádio Tropelias & Companhia

A Rádio Tropelias & Companhia, a telefonia d'A Casa do João, como serviço de programas radiofónico distribuído exclusivamente por Internet, está registado na Entidade Reguladora da Comunicação Social (ERC) com o n.º 700112. Além disso, também foi efetuado o licenciamento junto da Sociedade Portuguesa de Autores, relativa aos Direitos de Autor!

Para que tudo esteja em conformidade!

De que são feitas as histórias?

No âmbito do PEL – Programa de Educação Literária, a Tropelias & Companhia – Associação Cultural editará brevemente, com a chancela d'A Casa do João, um Caderno intitulado *De que são feitas as histórias?*, que compila no essencial as Dicas de Escritas publicadas nesta revista, da autoria de Maria da Conceição Vicente; caderno ilustrado pela Bolota! Trata-se do primeiro de um conjunto de subsídios para auxiliar na Educação Literária das crianças.

Site e loja da Tropelias

A Tropelias & Companhia – Associação Cultural tem um novo website: <https://tropeliasecompanhia.pt>. Neste site, são apresentados os projetos da associação, nomeadamente A Casa do João, a revista e a web rádio, bem como outros serviços prestados pela associação. Tendo em conta que a revista A Casa do João (em papel) tem de ser adquirida, a associação tem também agora uma loja virtual para disponibilizar as publicações d'A Casa do João, da Tropelias & Companhia e da Busílis: <https://tropeliasecompanhi.wixsite.com/website>

Roda que roda – Poemas sobre energia

No âmbito do projeto Cenas & Ciências, da Escola de Ciências da Universidade do Minho, será publicado brevemente o livro *Roda que roda*, com poemas de João Manuel Ribeiro e ilustrações de Miriam Reis. Usamos energia para tudo. O cérebro, o coração, os pulmões e as células do nosso corpo estão a trabalhar continuamente, usando energia. Como a energia não se cria, é necessário obter essa energia e transformá-la. Uma bela simbiose entre poesia e ciência!

Colóquio sobre Provérbios em Tavira

De 03 a 10 de novembro, a cidade de Tavira acolhe o 13.º Colóquio Internacional sobre Provérbios. Este colóquio é organizado pela Associação Internacional de Paremiologia / Clube Unesco de Paremiologia de Tavira e conta com a presença dos maiores investigadores e estudiosos dos provérbios. Motivo para dizer que “todos os caminhos vão dar a Tavira”, a capital mundial dos provérbios.

Conferência PNL 2019

A terceira Conferência do PNL2027, a 24 outubro 2019, é dedicada ao elogio da leitura como forma de enaltecimento do lugar que esta mantém no nosso tempo e da consciência do seu papel em benefício das sociedades. A leitura, na sua multifuncionalidade, é o principal instrumento de acesso à aprendizagem e ao conhecimento, de domínio sobre a informação e a comunicação, de compromisso ético e cívico, de afirmação da liberdade e dignidade humanas.

10 Minutos a Ler

Para estimular a criação de uma rotina de leitura na família, nas creches, nos jardins de infância, nas escolas, na academia, no trabalho e no lazer, o Plano Nacional de Leitura (PNL2027) lançou o repto: **Ler sempre**. Em qualquer lugar. É no âmbito deste repto que se enquadra o desafio dirigido, este ano, às escolas do 2º e 3º ciclos do Ensino Básico e do Ensino Secundário da rede pública, para que instituem no seu quotidiano a atividade diária da leitura por prazer.

Prémio Nacional de Ilustração

André Letria venceu por unanimidade o Prémio Nacional de Ilustração com o já multipremiado livro A Guerra (Patológico, 2018), revelou a Direcção-Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas (DGLAB). Esta é a segunda vez que André Letria vence o Prémio Nacional de Ilustração, 20 anos depois de ter sido reconhecido com Versos de fazer ó-ó, também com texto de José Jorge Letria.

Publicidade

Se é editor, livreiro, escritor, ilustrador e deseja publicitar n'A Casa do João – Revista de Literatura Infantil e Juvenil, os seus livros, a sua livraria, os seus projetos e iniciativas, consulte-nos pelo e-mail acasadojoao2017@gmail.com



EDITORIAL

A Hora da Verdade

Queridos amigos

1. Queria dizer-vos que, ao fim de dois anos e oito números da revista, chegou a hora da verdade, isto é, a hora de vos comunicar que não podemos enviar-vos mais a revista em papel.

Não temos capacidade financeira para tal. Como vos fomos dizendo, em editoriais anteriores, aos custos de impressão (partilhados com o Centro Cultural de Amarante) foram-se somando os custos dos portes de envio. Solicitámos donativos que não chegaram. Pedimos apoios que foram amavelmente declinados. Apesar disso, gostava de agradecer a todos os subscritores, individuais e coletivos, que depositaram confiança no nosso trabalho e no projeto da revista.

A partir deste n.º 9, quem quiser a revista em papel vai ter de a comprar na loja virtual d'A Casa do João (<https://www.tropeliasecompanhia.store>). Custará 3.85€, portes de envio incluídos. Podem comprar número a número ou os quatro números, relativos ao ano letivo 2019/2020 (n.º 9; 10; 11 e 12). Podem adquirir também os números anteriores (1 e 2 incluídos).

Aceito e compreendo que muitos terão dificuldade em pagar este montante. Por isso, quero lembrar que A Casa do João – Revista de Literatura Infantil e Juvenil continua a ter acesso livre e gratuito online (em ISUU – para ver e em PDF – para descarregar). Não esqueçam!

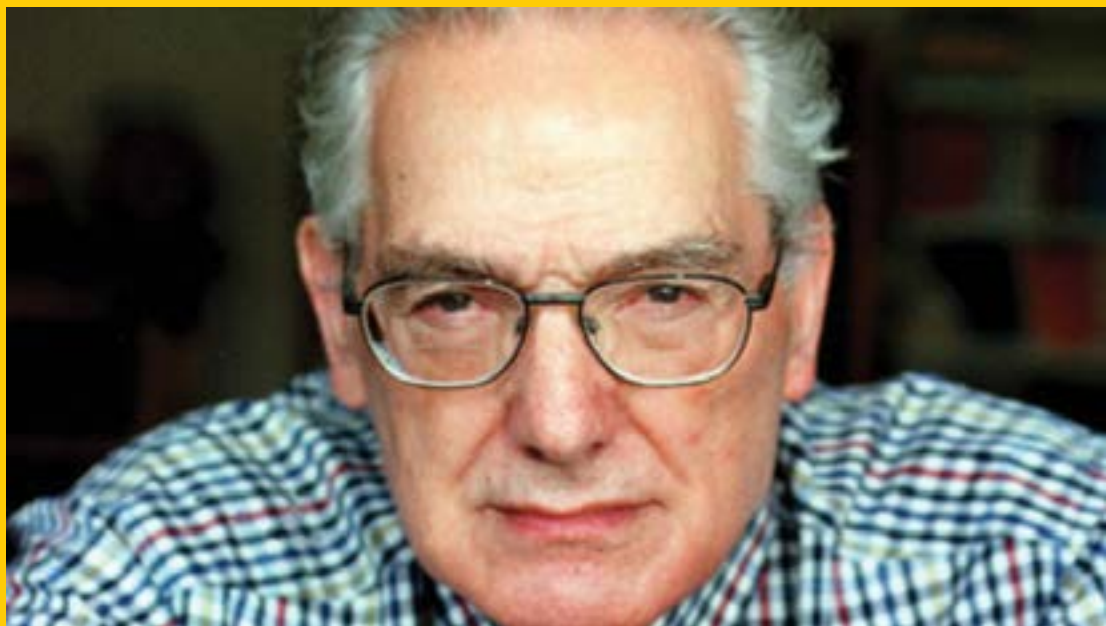
2. Como é habitual de 4 em 4 números, mudámos o visual da revista, na capa e também no miolo, procurando atualizar o design e ajustar o interior a novos conteúdos, com novas rubricas, como, por exemplo, «A Casa dos Poetas», «Curiosidades Literárias», «Citações para Pensar», «De Viva Voz» (para cumprir o nosso compromisso com a educação literária); «O mundo é a nossa casa» a que, neste número, juntámos o dossier sobre «Ecoliteracia» (para dar sentido ao nosso compromisso com a educação ambiental). Mantemos as rubricas centrais, como o «Falámos com...», desta vez com o editor Carlos Letra; o «UAU», apresentando a UNICEF, o ANILUPA e o CICLO EXPRESSO DAS BARROCAS:

3. Além da revista, ousou lembrar-vos de que A Casa do João desenvolve também um trabalho de produção de conteúdos noticiosos, reflexivos e visuais (web TV) entre revistas e que podem seguir em www.acasadojoao.info e no Facebook, em <https://www.facebook.com/acasadojoao.revista/>. O que está a crescer muito, em número de ouvintes, é a nossa web Rádio Tropelias & Companhia, a telefonia d'A Casa do João (<https://radiotropeliasecompanhia.online/>). Muito obrigado por nos escutares. Na última página, encontras alguns passatempos em que podes participar, porque nesta casa, nesta revista, nesta rádio... adoramos escutar-te!

João Manuel Ribeiro

“No Fundo do Poço”

de Mário Castrim



Diógenes foi um filósofo grego que viveu dois séculos antes de Cristo. Ficou célebre por aquilo a que passaram a chamar «extravagâncias». De facto, para a vida faustosa do tempo, a pobreza de Diógenes era uma afronta, não só pela pobreza em si mesma, mas pelo facto de ser uma pobreza de opção. Diógenes pensava que as pessoas viviam demasiadamente presas às coisas, tornando-se, não senhoras delas, mas suas escravas. Para mostrar que não falava em vão, vendeu todos os seus bens, distribuindo o dinheiro pelos pobres. Vendeu inclusive a própria casa onde vivia e passou a viver num tonel (grande pipa para guardar o vinho) que estava abandonado. Mas só se decidiu a isso quando se encontrou perigosamente debilitado, pois durante vários anos dormiu debaixo das grandes arcadas de mármore, apenas enrolado no seu manto.

Certa ocasião, aproximou-se de uma fonte com a sua concha de madeira e viu que uma criança bebia a água pelas suas mãos. Diógenes pensou que o objeto de que se servia ainda era uma coisa supérflua — e partiu-a. Considerava que o homem era tanto mais livre e mais feliz quanto mais se aproximasse da natureza, por isso, na sua opinião, o sentido da humanidade se estava perdendo entre os gregos, mergulhados na opulência. Certo dia foram dar com ele vagueando pelas ruas de Atenas, em pleno dia, com uma lanterna acesa.

— Que procuras tu, Diógenes? — perguntaram-lhe.

— Procuo um Homem...

Mas de todos os factos que se contam dele, o mais conhecido é aquele encontro com o imperador Alexandre, que o foi visitar no seu tonel. Ia animado das melhores intenções.

Conhecia a inteligência do filósofo e doía-se da sua situação. Queria encontrar maneira de ajudá-lo.

Diógenes estava sentado numa pedra, fora da sua «casa». O imperador aproximou-se, manteve com ele uma longa conversa e por fim perguntou:

— Não precisas de nada? Pede-me o que quiseres.

— Peço-te que te chegues mais para o lado para não me tirares o sol... — respondeu Diógenes.

Lembrei-me de Diógenes a propósito desta reportagem da televisão sobre os milhares de sem-abrigo que há por essa Lisboa fora. Já é costume. Por altura do Natal, as pessoas lembram-se dos pobres. Depois o Natal passa, passam os dias eufóricos de apelo à solidariedade, e tudo volta ao silêncio, ao esquecimento...

Esta expressão «sem abrigo» é relativamente recente, embora a existência deles já seja antiga. Só que, antes do 25 de Abril, o Governo não deixava que falássemos disso. Nesse tempo, a televisão passava imagens de pessoas sem abrigo, mas especialmente em Nova Iorque e chamavam-lhes «homeless», ou seja, «sem casa», sem lar. Daí que, mesmo depois do 25 de Abril, ainda muitos de nós continuássemos a dizer «homeless». Honra seja feita à televisão que mostrou as imagens de tantos e tantos pobres que dormiam ao relento nas ruas de Lisboa. Não era mais possível ignorar. Podemos não acreditar nas palavras, mas é impossível não acreditar nas imagens...

Estava eu a falar exatamente de uma reportagem sobre os sem-abrigo da capital. A repórter lá os ia descobrindo ao relento, escondidos atrás de uma coluna ou no recanto de algum portal, os mais bem instalados. Alguns estavam ainda de pé e contavam a sua vida. Vidas difíceis. Tanto que as palavras recuam envergonhadas. A droga, o álcool, e quase sempre o desemprego: a idade ia aumentando, perdiam as forças, não encontravam quem lhes desse trabalho. Deixavam de pagar as rendas, vinha o despejo, o abandono, a rua. Os trapos metidos num saco, os cartões prensados que lhes serviam de cobertor escondidos em algum recanto. Depois destas imagens, a angústia torna-se inevitável e cada um de nós se sente cúmplice...

A certa altura, o projetor da televisão incide sobre um velho mal coberto pelos seus cartões prensados. Pisca à luz os olhos pesados; defendidos pela mão em forma de pala. A repórter faz perguntas, ele não responde, sempre com as mãos a defender-se da agressividade do projetor.

— Somos a televisão — diz a repórter, para o tranquilizar —, diga-nos, o que é que mais deseja neste momento? O que é que mais quer?

— Quero que me deixem dormir — respondeu, tapando a cabeça com o cartão prensado.

Não, a resposta não é a de nenhum Diógenes filósofo. Mas é a resposta de alguém que, no fundo do poço, encontra reservas de dignidade para defender a sua condição de pessoa. Viva. Debaixo do cartão prensado.

Mário Castrim (2003). *O Lugar do Televisor* (vol. III). Lisboa: Além-Mar.

GALERIA DOS ESQUECIDOS: QUEM É QUEM?

Mário Castrim

O senhor das histórias com juízo...

Mário Castrim, pseudónimo de Manuel Nunes da Fonseca, foi um jornalista, escritor, crítico de TV e professor de português. Nasceu em Ílhavo, a 31 de julho de 1920, e faleceu em Lisboa a 15 de outubro de 2002. Trabalhou no jornal *Diário de Lisboa*, no semanário *Tal & Qual* e na revista para jovens *Audácia*, dos Missionários Combonianos. Deixou-nos em 2002 com uma vasta obra publicada.



A partir de 1957, coordenou o suplemento *DL Juvenil*, do *Diário de Lisboa*, projeto que apadrinhou como sua “obra”. Nessa altura conheceu a escritora Alice Vieira, com quem viria a casar. Com a escritora teve dois filhos: Catarina Fonseca, jornalista e escritora e André Fonseca, professor universitário.

Numa entrevista ao jornal *Público*, Alice Vieira, a sua esposa, reitera o seguinte:

“Não tenho dúvida de que aquilo que sou, aquilo que faço, aquilo que escrevo, foi muito obra dele. Sinto, no entanto, algum remorso por ele se ter afastado da escrita por minha causa. Para eu poder fazer a vida que fiz, ele não publicou tanto como devia. Escrever escrevia (tenho muitos inéditos), mas não publicava.”

Em 1965, Mário Castrim começou a exercer a atividade pela qual se tornou conhecido em todo o país, a de crítico de televisão. Apenas interrompeu essa atividade aos 82 anos, devido a uma pneumonia. Nesta altura escrevia uma coluna no semanário *Tal & Qual*, interrompida em julho de 2002 por motivos de saúde.

Ao mesmo tempo que exercia a atividade de crítico de televisão, Mário Castrim também chegou a ser professor de caligrafia e escreveu livros infantis como *Estas são as Letras* (1996) e *Histórias com Juízo* (1993), e outros como *O Lugar da Televisão* e *O Caso da Rua Jau*.

Mário Castrim deu um significativo contributo, enquanto crítico de televisão, escritor e intelectual, para a formação democrática e humanista de muitas gerações.

Refira-se que antes do 25 de Abril, quando a censura e a polícia política reprimiam qualquer manifestação mais ousada da liberdade de expressão, Mário Castrim fez dezenas de colóquios e sessões de animação cultural, por todo o país.

Foi membro do PCP desde 1940.

Obras para crianças e jovens

Nasceu para Lutar (1964); *Histórias Com Juízo* (1969); *As Mil Noites* (1970) — adaptação; *O Cavalo do Lenço Amarelo é Perigoso* (1974); *Estas São as Letras* (1977); *A Caminho de Fátima* (1992); *Váril, o herói* (1993); *O Caso da Rua Jau* (1994); *O Lugar do Televisor* (3 vols., com as crónicas que publicou na revista *Audácia*) (1996); *A Girafa Gira-Gira* (9 vols.) (2001); *A Moeda do Sol* (2006).

Teatro

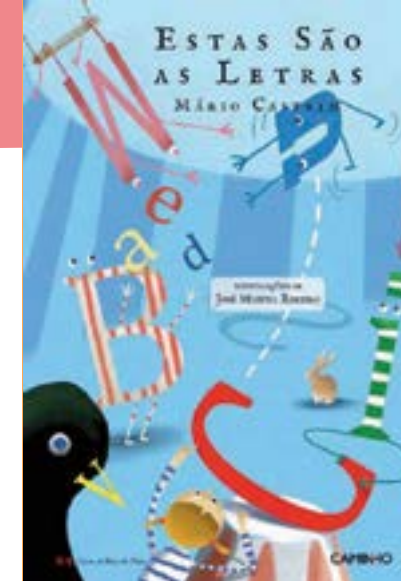
Com Os Fantasmas Não se Brinca (1987); *Contar e Cardar* (2002).

Poesia

Viagens (1977); *Nome de Flor* (1979); *Do Livro dos Salmos* (2007)

Ensaio e crónica

Televisão e Censura (1996); *Histórias da Televisão Portuguesa* (1997).



CARLOS LETRA

GOSTO DE IMAGINAR UM MONÓLOGO/DIÁLOGO COM ALUNOS.

Natural de Vila Real, cidade onde se formou como professor do 1.º ciclo. Fundou a *Editora Gailivro* que se especializou na produção de manuais escolares, livros de apoio escolar e literatura para os mais jovens. Como autor, Carlos Letra tem mais de cem livros publicados, nos quais se destacam *As Letrinhas* e *O Mundo da Carochinha*, tornando-se uma referência no mercado escolar, ultrapassando um milhão de livros vendidos.

O Carlos Letra é (re)conhecido como o editor fundador da *Gailivro*. Pode dizer-nos por que se tornou editor e como surgiu a editora?

Certo dia conheci um autor e dono de uma editora que estava com dificuldade em escrever as páginas sobre a tabuada de um manual do 2.º ano. Ofereci-me para lhe escrever essas páginas, ele gostou e pediu-me para terminar esse manual. De seguida contratou-me para escrever os manuais de todas as disciplinas do 3.º ano. Trabalhei para essa editora durante quatro anos. O meu nome nunca apareceu como autor e ao fim de alguns anos cheguei à conclusão de que o reconhecimento era nulo. Trabalhei 4 anos para esta editora findos os quais considerei que estava na hora de criar a minha própria editora. Desta forma surgiu a *Gailivro*.

Ao longo dos anos como editor qual foi o acontecimento, a história e o(s) livro(s) que guarda na memória como o/as mais significativo/as?

Como editor destaco "O Eragon" o "Eclipse" "A Lua Nova" e o "Amanhecer". Na altura da publicação destes livros a *Gailivro* impunha-se como a editora n.º 1 em literatura do fantástico. Como autor, sem dúvida que a coleção "Letrinhas" a que se seguiu "O Mundo da Carochinha" foram os mais importantes que escrevi. Com "O Mundo da Carochinha" a *Gailivro* colocou-se como a segunda editora nacional para o 1.º ciclo.

Entretanto, a *Gailivro* foi vendida ao grupo *Leya*. Estava cansado ou a proposta foi economicamente irrecusável?

Bom, a proposta não foi má. Houve duas situações que me fizeram decidir pela venda: A gratuidade e a reutilização dos manuais escolares. Nunca concordei com isto para os primeiros anos de escolaridade e tive várias reuniões com o Ministro da Educação nas quais os motivos pela minha discordância: O aluno, nos seus primeiros anos, não estuda, aprende fazendo, por isso tem de escrever nos livros para além que os manuais do 1.º ciclo serem tão baratos que não justifica o prejuízo na aprendizagem, aliás nada o justifica. A gratuidade dos manuais escolares, tal como eu previa, só veio beneficiar as grandes editoras, capazes de gastarem elevadas quantias em brindes para cativar os responsáveis pelas adoções.

Com a *Gailivro* e a *Leya* para trás, quais as razões que o levam a fundar a *Acento Tónico*?

A razão principal é o gostar de escrever. Imaginar-me perante os meus alunos e explicar os assuntos de uma forma simples para ser totalmente compreendido. Há quem goste de jogos de eletrónicos, eu gosto de me sentar ao computador e imaginar um monólogo com alunos.



Apostamos em autores portugueses para a edição de literatura infantil e para o 1.º ciclo.

Uma visão do mundo positiva e que potencialize a descoberta, admiração e diversão junto das crianças são a missão e os objetivos da Acento Tónico.

Qual a missão, os objetivos e os principais eixos da política editorial da *Acento Tónico*?

Publicar livros que promovam uma visão do mundo positiva e que potencialize a descoberta, admiração e diversão junto das crianças. Para isso apostamos em autores portugueses para a edição de literatura infantil e para o 1.º ciclo.

O Carlos Letra é autor de manuais escolares e materiais de apoio ao estudo. Esse facto prende-se apenas com o facto de ser formado em Educação Básica ou há outra qualquer razão?

Sem dúvida que se deve ao facto de amar a minha profissão de professor do 1.º ciclo.

Em termos de autores, quais são as apostas da *Acento Tónico*?

Como já disse a aposta da *Acento Tónico* recai nos autores portugueses. Para já, além de mim, temos João Manuel Ribeiro, Carlos Granja, Raquel Pinheiro, Miguel Borges, Susana Amorim e José Fanha.

Entrevista conduzida por João Manuel Ribeiro



O MUNDO É A NOSSA CASA

Na primeira edição desta nova rubrica, apresentamos um livro ou um (pequeno) guia que nos pode ajudar a mudar de atitude, a reduzir o desperdício, a cuidar do planeta. O livro foi escrito por Patrícia Alves e ilustrado por Bolota (que, por acaso, são a mesma pessoa). Intitula-se *O nosso mundo é verde e de todas as outras cores – Um (pequeno) guia para reduzires o teu desperdício e mudares de atitude*.

O Nosso Mundo é Verde e de todas as outras cores

Decidi, então, iniciar a minha mudança, em pequenas coisas e essencialmente dentro de casa. Tenho dois filhos e lá em casa somos quatro, e de repente, dei por mim a ter de justificar, diversas vezes, tudo o que fazia, porque era confrontada com perguntas do género: Por que razão já não usamos guardanapos de papel? Porque é que não podemos usar palhinhas? O quê, agora temos alguns jantares sem carne e sem peixe? Mas porque é que já não compras aquelas bolachas que vêm em vários pacotinhos? E muitas outras perguntas.

Percebi que tinha de contar uma história. Uma história que fizesse com que os meus filhos compreendessem o estado (ou o mau estado) em que se encontra o nosso planeta. Que compreendessem a necessidade urgente em agir e, de com as nossas ações, levar os outros a agir também. E contei! De uma forma muito simples contei uma história, muito ao seu nível, muito próxima.

A história começa com duas perguntas: Por que temos nós de mudar de atitude no nosso dia a dia? O que aconteceu para hoje estarão preocupados com isso?

E conta, de uma forma ligeira, as razões por que temos mesmo de agir.

Guia de/para quem quer agir depois de ter percebido que é urgente mudar

Por vezes, uma história por si só não é suficiente. Ouvimos a história, pensamos um bocadinho nela e amanhã já a esquecemos. É preciso pôr em prática. Mas precisamos de saber como o fazer, como começar. Por isso, decidi, então, acrescentar a esta história um pequeno guia, que até podia ser chamado de: "Guia do iniciante que quer agir após ter percebido que é urgente mudar de atitude para salvar o planeta onde vivemos (que é o único), caso contrário a nossa (e todas as outras) espécie brevemente estará em extinção." Mas achei que este título era um pouco longo. E mudei-o...

Este guia serve para isso mesmo, para agir, para sabermos que nas coisas mais simples, mais básicas, podemos intervir, mudar a nossa atitude, mudamos assim e também as outras atitudes, incentivando pessoas, obrigando governos a estarem atentos, obrigando a indústria a mudar... E no final (sem que exista realmente um fim), permitir que o Planeta tenha o tempo que precisa para se renovar:



para semear, crescer, produzir e respirar.

O livro responde várias perguntas chave: O que sabemos; O que fazemos? O que devemos fazer? Sabemos como fazer? A que correspondem outras tantas atitudes: Informação, Reflexão, Consciencialização e Aprendizagem.

Todos sabemos que as mudanças geralmente não são fáceis. Esta também não o é. Mas pode ser serena, dando um passo de cada vez, aos poucos, alcançamos os nossos objetivos. Assim que estamos decididos a iniciar esta mudança, as primeiras perguntas que devemos fazer serão: 1.ª - Eu preciso mesmo disto? 2.ª - Em que posso reduzir? 3.ª - Como posso consumir de forma mais sustentável?

E assim nasceu **O NOSSO MUNDO É VERDE E DE TODAS AS OUTRAS CORES**, com um objetivo de ajudar à educação ambiental.

Um livro para todos sem exceção!

Direciono o livro a crianças e jovens porque elas têm uma grande capacidade de aprenderem, compreenderem e se adaptarem, mas o livro será útil para qualquer pessoa que queira iniciar a sua mudança, mas que ainda não saiba como o fazer.

Quando vou a escolas e apresentações, costumo dar uma noção da linha do tempo da Terra e do espaço que o Homem ocupa nela, que é ínfimo. Conto uma introdução, antes de apresentar o livro, para que tenham uma ideia do que vamos falar, que é a seguinte: ...O homem evoluiu, na locomoção, na comunicação, na inteligência, e criou grandes artefactos, equipamentos, maquinarias, para a nossa evolução e para o nosso bem-estar, mas... na equação da nossa evolução, a quantidade mínima de tempo para a regeneração, não foi considerada, mas sim desprezada.



Uma história urgente para responder a muitas perguntas!

Este livro teve origem numa reflexão sobre o estado (ou o mau estado) do ambiente e sobre as suas causas e a intervenção humana. Ao refletir sobre isso, as urgências tornaram-se claras para mim: a urgência em conhecermos e refletirmos sobre os problemas ambientais, em tomarmos consciência e em agirmos. Com urgência!



Temos, por isso, de aprender o que podemos fazer:

- **Recusar** (recusa as palhinhas... pede um copo de vidro recusa os de plástico e não faças fitinhas)
- **Reduzir** (reduz o tempo que demoras a tomar banho, consegues tomar o banho em menos de 1 minuto? Toca a cronometrar!)
- **Reutilizar** (se as re-usares, as roupas dos teus irmãos uma nova vida terão)
- Não desperdiçar (o papel que só usaste de 1 lado, junta e faz um bloco; a comida que fica no prato...)
- **Reparar** (arranja a tua roupa: aperta, alarga, cose e remenda)
- **Reciclar** (reciclar está a dar!)

Tantos passos para dar, devemos já começar. Mãos à obra, a Terra precisa de nós!

Falem entre vós, conversem com os pais, com os irmãos, com os tios, os primos e os avós, e juntos vão concluir que o que todos temos de fazer é REDUZIR!

Reduzir os gastos de luz, reduzir os gastos de água, reduzir o desperdício, reduzir as emissões de carbono, reduzir o lixo... reduzir até nas asneiras e nas palavras feias.

Vamos ser positivos e fazer acontecer: aprender O QUE fazer, saber COMO fazer e FAZER! Porque a Terra precisa de nós, não amanhã, mas hoje, agora!

Todos, crianças e adultos, temos a obrigação de passar esta mensagem, de aprender e de fazer para ensinar. A verdade é que o futuro das plantas, dos animais, do homem, dos nossos filhos, o futuro do Planeta... depende de todos nós.

Patrícia Alves / Bolota



ECOLITERACIA E LITERATURA PARA A INFÂNCIA

Ecoliteracia

Inicialmente, o termo **literacia** era usado para significar o conhecimento acerca de «como ler», mas foi-se alargando até abranger em simultâneo a leitura e a escrita. Segundo a *International Reading Association* e o *National Council of Teachers of English*, a literacia é a «competência para levar a cabo tarefas complexas de leitura e de escrita relacionando-as com o mundo laboral e com a vida fora da escola». O termo aparece hoje também associado a domínios distintos da escrita e da leitura, como a literacia computacional, cultural, ecológica, do consumidor, da informação e visual. Pode, pois, definir-se literacia como a capacidade de processamento na vida quotidiana, pessoal, profissional e social de informação escrita de uso corrente.

Quando falamos de ecoliteracia, ou literacia ecológica, referimo-nos ao conjunto competências e conhecimentos que alguém «manipula» de forma a relacionar-se, em termos de mentalidades, de valores e de comportamentos, de forma harmoniosa ou sustentável com o mundo, na vertente ecológica e/ou ambiental. A ecoliteracia, sendo um conceito dinâmico que envolve a totalidade da pessoa, não pode ser alheia às crianças, preparando-as e desafiando-as desde cedo para o paradigma duma nova relação ecológica.

Ambiente e literatura para a infância

Como referem Rui Ramos e Ana Margarida Ramos, no artigo «Ecoliteracia e literatura para a infância: quando a relação com o ambiente toma conta dos livros» (in *Solta Palavra*, 19, p.17 a 24), a literatura para a infância não é alheia, desde a sua génese, à necessidade de se vincular ideologicamente a princípios e valores tidos como relevantes e determinantes para a formação do indivíduo e para a sua relação com os outros e com o meio onde se insere, associados a uma dimensão pedagógica alvo de um tratamento privilegiado por parte de muitos autores. Esta dimensão, sem se reduzir a inculcação de princípios morais, ou códigos de conduta específicos, concretiza-se em objetivos pragmáticos de informação, formação e educação para um conjunto diversificado de valores, entre os quais se encontra a defesa do ambiente.

Nos anos 60, assiste-se à emergência desta temática, sobretudo pela escrita dos neorrealistas como **Alves Redol** (*A vida mágica da sementinha*, 1956), **Papiniano Carlos** (*A Menina Gotinha de Água*, 1962), autores que, sem dispensar a poeticidade da vida, mas com aguda consciência social e política, procuraram a análise dos problemas emergentes do seu tempo com o fito de procurar e encontrar a “verdade absoluta”, sobrepondo a análise do carácter à comoção do sentimento.

Na década de 70, o prémio ‘O Ambiente na Literatura Infantil’, destinado a distinguir trabalhos relacionados com problemas do Ambiente e dirigidos a crianças e jovens, veio destacar a temática e convocar autores. Instituído em 1975 (portarias nº 426/85, de 5 de julho e nº 7/90, de 8 de janeiro), destinava-se a galardoar escritores em língua portuguesa cujas obras se dirigissem especialmente a crianças e jovens



e abordassem a temática ambiental. Em 1978, o júri foi unânime em considerar que nenhuma das obras apresentadas a concurso era merecedora do prémio e propôs a alteração do regulamento de modo a poderem ser admitidos trabalhos não editados, passando a haver duas categorias, mas no ano seguinte, considerou novamente que nenhuma das obras reunia condições mínimas para que lhe fosse atribuído o prémio. Em 1984 e em 1986 voltou a não ser atribuído. Por fim, em 1990, na categoria das obras editadas pela primeira vez, não foi atribuído prémio.

De entre os premiados, merecem especial destaque:

Sidónio Muralha, com *Valéria e a Vida* (1976), e *Helena e a Cotovia* (1979), *Voa pássaro, voa* (1978), *Terra e Mar Vistos do Ar* (1981) e alguns dos contos de *Sete cavalos na berlinda* (1977).

José Jorge Letria, com os premiados títulos, *O Grande continente azul* (1982), *Histórias do arco-íris* (1983), *Uma viagem no verde* (1985), *O pequeno pintor* (1989).

Clara Pinto Correia, com *O Sapo Francisquinho* (1986), e *A Ilha dos Pássaros Doidos* (1994).

Outros autores que integram a lista de vencedores são **Carlos Correia**, **Maria Alberta Menéres** e **Natércia Rocha** (ver caixa).

Ecoliteracia e LIJ na atualidade

Nos últimos anos, a preocupação ambiental conheceu uma atenção particular por parte dos autores, como:

Luísa Ducla Soares, com *O Mar* (2008) e *O Planeta azul* (2008).

Bernardo Carvalho, com *Um dia na praia* (2009), e *Praia-Mar* (2011) a trilogia intitulada "Histórias paralelas", *As Duas Estradas* (2009), *Trocoscópio* (2010); *O Livro dos Quintais* (2010) e *Um dia na praia* (2009).

Pedro Seromenho, com *Felismina Cartolina e João Papelão, Uma Paixão de Papel e Cartão* (2011), *O Palhaço Avaria e o Planeta Bateria* (2011), *Maria Botelha a Garrafa Aventureira* (2011), *Chico Fantástico Super Herói de Plástico* (2011).

João Manuel Ribeiro, com *Raras Aves Raras* (2010), *O senhor Péssimo é o Máximo* (2012), e *Pequenos corações verdes* (2016).

Margarida Rocha, com *Há incêndio na floresta* (2018).

Manuel Duarte Pinheiro, com *O Rodendro de Diana* (2019).

Carmen Zita Ferreira, com *Roubar ao Mar* (2019)

Conclusão

A literatura para a infância e a juventude proporciona um contacto com a ecologia ambiental mediado pela imaginação. Na atualidade, constata-se a existência de um número significativo de obras que tratam a questão ambiental de forma aprofundada, não escondendo os aspetos negativos e respetivas causas e consequências e desafiando a uma visão crítica do mundo contemporâneo, problematizando práticas e valores, com o propósito de (ajudar a) criar indivíduos conscientes, informados e formados, em termos de ecoliteracia.



O PRÉMIO "O AMBIENTE NA LITERATURA INFANTIL"

1.ª FASE

Ano	Título	Autor(es)	Género
1976	Valéria e a Vida	Sidónio Muralha	Narrativa
1977	História do Bichinho Qualquer O Julgamento do Cuco	Sylvia Montarroyo (ex-aequo) Eurico Baptista (ex-aequo)	Contos Teatro
1978	Não foi atribuído		
1979	Não foi atribuído		
1980	A roda das estações	Alberto Correia	Narrativa
1981	A água que bebemos	Maria Alberta Menéres	BD
1982	O Grande continente azul	José Jorge Letria	Narrativa /Poesia

2.ª FASE

Ano	Título	Autor(es)	Género
1983	Histórias do arco-íris O sétimo descarrilamento	José Jorge Letria Maria Alberta Menéres & Carlos Correia	Contos Narrativa
1984	Não foi atribuído		
1985	Uma viagem no verde	José Jorge Letria	Poesia
1986	O sapo Francisquinho (atribuído, mas recusado)	Clara Pinto Correia	Narrativa
1987	O menino e o vento Salpico	Natércia Rocha Manuela Alves	Contos Narrativa
1988	Penas brancas no ar Que é do verde desta rua?	Natércia Rocha Fernando Bento Gomes	Narrativa Narrativa
1989	O pequeno pintor No Coração do Trevo	José Jorge Letria Maria Alberta Menéres	Narrativa Poesia
1990	Um gato sem nome	Natércia Rocha	Narrativa
1991	A guerra dos sinais O Fulvinho	Natércia Rocha António Mota & Quim Ferreira	Narrativa BD
1992			
1993			
1994	A ilha dos pássaros doidos		

Já Sei!

Aprendizagens Essenciais

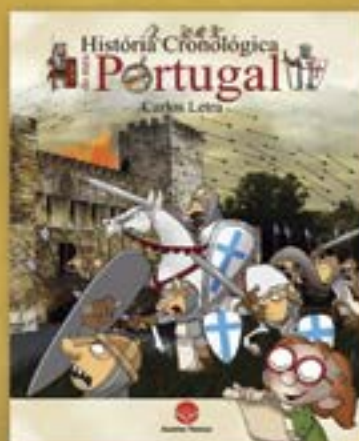
O quadro curricular atual é definido por dois documentos de referência: o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, que explicita a finalidade global do processo de aprendizagem formal em contexto escolar, e as Aprendizagens Essenciais, que definem o que atualmente é considerado relevante como aprendizagem escolar.

Esta coleção pretende favorecer a otimização do tempo pedagógico-didático, e apoiar o professor na sua atividade nuclear, permitindo orientar os alunos para percursos pedagógico-didáticos direcionados para a contextualização, a complexificação e para a consolidação das aprendizagens.

- De acordo com as aprendizagens essenciais
- Em articulação com o perfil dos alunos



História Crónológica do meu Portugal



Este livro aborda, de forma concisa, os principais momentos da História de Portugal, ordenados cronologicamente. Relatados com todo o rigor histórico, mas também com um toque de humor, os factos históricos resultam apelativos e motivantes.

Acrescem, ainda, várias curiosidades e ilustrações divertidas, que potenciam a aprendizagem.

Além de se confirmar como um excelente instrumento de estudo da História de Portugal, serve de guia a todos os «curiosos» que pretendam analisar o nosso passado e a nossa História para melhor compreenderem o presente.

Inclui ainda árvores genealógicas das várias dinastias, páginas com os Reis e Presidentes de Portugal, tabela cronológica e glossário.

UAU!

HÁ ORGANIZAÇÕES, ASSOCIAÇÕES, GRUPOS, MOVIMENTOS, INICIATIVAS DE QUE JÁ OUVIMOS FALAR E OUTRAS DE QUE NÃO SABEMOS NADA. ACREDITAMOS QUE É O CASO DAS QUE TE APRESENTAMOS NESTE NÚMERO.



Queremos dar-te a conhecer um órgão das Nações Unidas de que já ouviste falar, mas que talvez não conheças tão profundamente quanto julgas. Estamos a falar da UNICEF ou Fundo das Nações Unidas para a Infância, uma organização que tem como objetivo promover a defesa dos direitos das crianças, ajudar a dar resposta às suas necessidades e contribuir para o seu desenvolvimento. Rege-se pela Convenção sobre os Direitos da Criança e trabalha para que esses direitos se convertam em princípios éticos permanentes e em códigos de conduta internacionais para as crianças.

E apresentamos-te também o CLIA Anilupa, uma valência da Associação de Ludotecas do Porto, que há 28 anos quis desenvolver um projeto em que fosse possível envolver pessoas de todas as idades, incluindo não profissionais na realização de filmes de cinema de animação. Desafiámos-te, ainda, a fazer como os nossos amigos do Ciclo Expresso das Barrocas, de Aveiro.



VAMOS CONHECER A UNICEF

United Nations Children's Fund (UNICEF)	
Tipo	Agência da ONU
Acrónimo	UNICEF
Comando	Henrietta Fore
Fundação	11 de dezembro de 1946 (72 anos)
Sede	Nova Iorque, Estados Unidos
Website	https://www.unicef.org/
Origem	Assembleia Geral das Nações Unidas



A UNICEF (do inglês: *United Nations Children's Fund*) ou **Fundo das Nações Unidas para a Infância** é um órgão das Nações Unidas fundado em dezembro de 1946, como um fundo de emergência para ajudar as crianças de todo o mundo, que sofreram com as consequências da guerra, formado por um grupo de países reunidos pela Organização das Nações Unidas (ONU). Mas alguns anos depois, milhões de crianças de países pobres continuavam ameaçadas pela fome e pela doença. Em 1953, a UNICEF tornou-se uma instituição permanente de ajuda e proteção a crianças de todo o mundo.

A UNICEF tem como objetivo promover a defesa dos direitos das crianças, ajudar a dar resposta às suas necessidades e contribuir para o seu desenvolvimento. Rege-se pela *Convenção sobre os Direitos da Criança* e trabalha para que esses direitos se convertam em princípios éticos permanentes e em códigos de conduta internacionais para as crianças; é apartidária, e a sua cooperação é isenta de discriminação. Em todas as suas ações, é garantida prioridade às crianças menos favorecidas e aos países mais necessitados; visa, por meio dos seus *Programas de Cooperação* com os países, promover a igualdade de direitos das mulheres e das meninas e apoiar sua plena participação no desenvolvimento político, social e económico de suas comunidades; trabalha com todos os seus parceiros para atingir a meta do desenvolvimento humano sustentável, adotada pela comunidade mundial, assim como para concretizar a visão de paz e progresso social, contida na *Carta das Nações Unidas*.

A UNICEF trabalha em mais de 190 países e territórios para salvar a vida de crianças, defender os seus direitos e ajudá-las a realizar o seu potencial, nas seguintes áreas:

- **Proteção e inclusão infantil:** trabalha com parceiros em todo o mundo para promover políticas e expandir o acesso a serviços que protejam todas as crianças.
- **Sobrevivência infantil:** ajuda a reduzir a mortalidade infantil em todo o mundo, trabalhando para alcançar as crianças mais vulneráveis, em todos os lugares.
- **Educação:** trabalha para apoiar a aprendizagem de qualidade para cada criança, menina e menino, especialmente aquela em maior risco de ser deixada para trás.
- **Situações de emergência:** está nos locais antes, durante e após as emergências, trabalhando para alcançar crianças e famílias com ajuda vital e assistência a longo prazo.
- **Género:** trabalha para capacitar meninas e mulheres, e para garantir a sua plena participação nos sistemas político, social e económico.
- **Inovação para crianças:** trabalha com parceiros em todos os setores para criar em conjunto soluções inovadoras que acelerem o progresso para crianças e jovens.
- **Abastecimento e logística:** oferece acesso sustentável a apoios que salvam vidas onde eles são mais necessários, acelerando os resultados para as crianças mais vulneráveis.
- **Pesquisa e análise:** os programas e iniciativas globais d'A UNICEF são fundamentados em investigação rigorosa e análise criteriosa sobre a situação das crianças.



A UNICEF em Portugal

O Comité Português para a UNICEF, organização não-governamental com o Estatuto de Associação de Utilidade Pública, foi criado em abril de 1979, mas a sua história começou a ser escrita na década de 1960 com a venda de cartões de Boas Festas da UNICEF nas Papelarias António Vieira, em Lisboa, propriedade da família de Maria Violante Vieira, que depois viria a fundar e ser a primeira presidente da UNICEF Portugal. No final dos anos 80 surgem as Delegações da UNICEF Portugal, primeiro no Porto e mais tarde em Coimbra, criadas para reforçar a ação do Comité na divulgação e defesa dos direitos das crianças e na promoção do bem-estar destas. Em 2014, as delegações cessaram funções e os serviços passaram a estar centralizados na sede da UNICEF Portugal em Lisboa.

A UNICEF Portugal faz parte da rede de 34 Comités Nacionais para a UNICEF estabelecidos em países desenvolvidos e que integram a organização global da UNICEF.

Objetivos do Desenvolvimento do Milénio

A viragem do século foi interpretada pela ONU como um momento único e simbólico para articular um novo impulso para a Organização. Foram apresentadas recomendações neste sentido pelo então Secretário-Geral Kofi Annan, no seu Relatório do Milénio, "Nós, os Povos, as Nações Unidas do Século XXI". Em setembro de 2000, Chefes de Estado e de Governo, reunidos em Cimeira, aprovaram a **Declaração do Milénio**. A secção III desta Declaração foca o tema "Desenvolvimento e erradicação da pobreza" e foi o principal documento de referência para a formulação dos Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM).

Com seus 17 *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável* (ODS) e suas 169 metas, a Agenda 2030, originada desses 8 *Objetivos do Desenvolvimento do Milénio* (ODM), é um programa de ação para a humanidade e o planeta, que busca a prosperidade, a justiça social, a paz e a liberdade, nas dimensões económica, social e ambiental. Estes objetivos constituem desafios, e mesmo que alguns deles sejam alcançados, a sociedade é permanentemente convidada para se mobilizar e enfrentar novos desafios nos próximos anos.

Como o tema deste n.º d'A Casa do João é a ecoliteracia, queremos destacar o sétimo objetivo sobre a "sustentabilidade ambiental" (ODM 7). Deste ODM decorrem alguns ODS, na área da ecoliteracia e da Educação Ambiental, que enunciamos porque nos sentimos comprometidos com eles n'A Casa do João:

- Objetivo 6: Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos.
- Objetivo 7: Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos
- Objetivo 9: Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação
- Objetivo 10: Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles
- Objetivo 11. Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis
- Objetivo 12. Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis
- Objetivo 13. Tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos
- Objetivo 14. Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável
- Objetivo 15. Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade.



Aqui o cinema é uma animação!

O CLIA Anilupa nasceu há 28 anos na cidade do Porto. É uma valência da **Associação de Ludotecas do Porto**, que há 28 anos quis desenvolver um projeto em que fosse possível envolver pessoas de todas as idades, incluindo não profissionais na realização de filmes de cinema de animação.

No seu espaço sede, o CLIA Anilupa potencia a animação da imagem através, não só do cinema, mas também da experimentação pontual, criando um espaço interativo, expositivo, onde as pessoas pudessem aprender e experimentar.

O cinema de animação é uma arte muito inclusiva, explicou-nos Fernando Saraiva, coordenador do CLIA Anilupa. E acrescentou: “Temos a oportunidade de desenvolver programas específicos, um deles de apoio à produção cinematográfica do Instituto de Cinema e do Audiovisual que nos permite candidatar a um apoio financeiro de produção cinematográfica”.

O Processo de aprendizagem

“Os participantes atravessam todas as fases desde a conceção da história, construção de personagens, de cenários e até a própria captura de imagens. E mesmo quando termina o projeto nós também pretendemos que o grupo fique contente, orgulhoso do trabalho que realizou”, disseram-nos.

Outro pormenor a considerar é que o trabalho realizado não fica fechado no Anilupa. “Pretendemos que seja visto tanto pela comunidade mais próxima, como fora”.

“Pensar, criar a narrativa, seja ela formal ou não formal. Construir todos os elementos que serão animados no filme, aprender a filmar e depois sonorizar. Esse é um desafio muito grande”.

A atividade

“É um renascimento constante com cada grupo que entra para interagir. Perceber quem é o grupo e até onde pode ir. Há sempre desvios porque as pessoas são diferentes”, evidenciou Fernando Saraiva.

Para além do trabalho prático há visitas guiadas, que proporcionam o contacto com a história

do cinema através da exploração e manipulação de réplicas de dispositivos pré-cinemáticos e de outros objetos representativos do estudo dos fenómenos óticos que levaram à invenção do cinematógrafo. É, igualmente, facultada a exibição de filmes animados realizados no âmbito das oficinas de cinema de animação do CLIA Anilupa, assim como a criação de uma simples experiência associada a fenómenos óticos e/ou à animação da imagem.

Com efeito, a atividade artística encoraja o desenvolvimento daquilo que é individual no ser humano. A experiência no contacto com diversos materiais e o acesso a várias formas de expressão permitem desenvolver formas pessoais de expressar o mundo interior e a realidade.

Trata-se de integrar todos aqueles que não são profissionais na realização das suas obras cinematográficas, criando situações de igualdade na participação em atividades de criação cinematográfica.

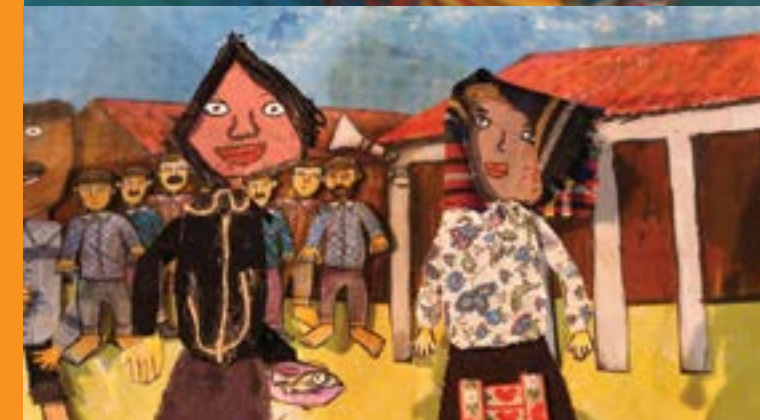
“É importante o reconhecimento e valorização dos não profissionais. Temos de evoluir muito nesse sentido”, apelou.

Esta realidade foi-se construindo através do desenvolvimento de dinâmicas que desencadearam a realização de vários projetos multidisciplinares e intergeracionais, dos quais nasceram, parcerias e alianças que se estabelecem e renovam com diversas instituições educativas, culturais e sociais, implicando grupos de participantes dos mais variados contextos, faixas etárias e realidades sócio culturais.

A Associação de Ludotecas do Porto

A **Associação de Ludotecas do Porto (ALP)** surge em 1987 pela mão de Virgílio Moreira, pediatra que impulsionou a criação de diversas ludotecas na cidade do Porto.

Constituindo-se como instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) tem como missão contribuir para o desenvolvimento das crianças, jovens e famílias na defesa e promoção dos seus direitos, numa vertente social, lúdica e comunitária. O CLIA Anilupa é uma das suas vertentes.



UAU! 3

CICLO EXPRESSO DAS BARROCAS



MAMÃ, HOJE VAMOS DE BICICLETA PARA A ESCOLA?



“Mamã, hoje vamos de bicicleta para a escola?”, pergunta o Rodrigo entre um gole de leite e uma trinca no pão. Se a resposta é afirmativa, sai-lhe um estridente “Yeeeeeah!”

O Rodrigo tem três anos e desloca-se na cadeirinha da bicicleta da mãe para a pré-escola. Mas não vão sozinhos. Formam apenas uma das carruagens do comboio de bicicletas que circula em direção à Escola Básica e Jardim de Infância das Barrocas, em Aveiro: o Ciclo Expresso das Barrocas.

Este ano letivo, são treze os passageiros mais assíduos, pertencentes a cinco agregados familiares. O Rodrigo e o amigo Baltasar, também de três anos, são os únicos que seguem viagem nas cadeirinhas. O Sebastião, o Tomás, o Gaspar, a Mafalda, o João e a Bárbara, com idades compreendidas entre os seis e os oito anos, pedalam nas próprias bicicletas. Ocasionalmente juntam-se mais uma ou duas famílias.

O Rodrigo e a mãe apanham o comboio às 8h39, na segunda paragem, a pouco mais de 1km da escola, a quarta e última estação. O caminho que fazem é todo pela estrada (existem uns escassos metros de ciclovias apenas no início do percurso) e, por isso, independentemente do número de ciclistas presentes, a dinâmica é sempre a mesma: segue um adulto à frente e um adulto atrás, as crianças circulam em fila entre os dois, sempre encostadas ao lado direito, e alguns pais pedalam a par do lado esquerdo, quando é possível. A segurança nunca pode ser descurada.

Para estes alunos, a viagem para a escola é uma animação, é um momento de diversão e convívio. Não há sono, nem preguiça. Chegam todos bem despertos para começar o dia. E quem vai a pedalar já leva um exercício físico matinal e uma descarga de energia de avanço. Os pequenos ciclistas são unânimes em afirmar que a viagem de bicicleta é a forma preferida de ir para a escola. O Rodrigo, contudo, fica dividido. Um dia por semana, ele vai a pedalar na sua própria bicicleta, mas como ainda não tem o ritmo nem a confiança dos amigos mais velhos, segue por um caminho alternativo, pelo passeio, apenas com a mãe, que o acompanha a pé. Ele adora ir com o grupo, mas o dia de ir na bicicleta dele

também é especial. Do que ele não gosta mesmo é de ir de carro, quando chove muito ou quando esporadicamente a mãe tem de seguir viagem para fora da cidade. Quando a chuva é miudinha ou intermitente e a deslocação em duas rodas se mantém, o Rodrigo fica ainda mais entusiasmado porque isso significa vestir por cima da roupa o macacão e a capa impermeáveis e calçar as suas adoradas galochas verdes. Despido o equipamento extra, entra na sala seco!

Embora o Rodrigo só tenha integrado o **Ciclo Expresso das Barrocas** no início do ano letivo, quando entrou no jardim de infância deste centro escolar, a iniciativa já existe há mais de um ano. Começou com uma periodicidade semanal, à sexta-feira. Este ano passou a ser diário, sofreu uns ajustes aos horários e ganhou adeptos. Mesmo assim, muitos pais confessam que não acompanham por receio dos automobilistas. Quem anda no comboio percebe estas reticências, mas reconhece que aqueles estão em geral mais sensibilizados para os ciclistas, sobretudo quando se trata de crianças a pedalar. No entanto, têm consciência que ainda há um grande caminho a percorrer.

Por enquanto, não há **Ciclo Expresso das Barrocas** de saída, mas o regresso da escola também é feito de bicicleta. Às vezes, acontece juntar-se um grupo de crianças que saem ao mesmo tempo e criam com os pais um comboio informal. Na volta, o Rodrigo normalmente sai com o pai.



Para os pais do Rodrigo, uma das principais motivações para aderirem ao projeto e se deslocarem de bicicleta prende-se com este ser um comportamento ecologicamente favorável, não só pela promoção objetiva de um meio de transporte sustentável, como pela educação num sentido mais lato sobre a importância de adoção de um estilo de vida consciente e preocupado com o planeta. Os benefícios para a saúde, para a socialização, para a cidadania, para a economia familiar são alguns dos bónus que eles acrescentam às vantagens ambientais.

O **Ciclo Expresso das Barrocas** continuará a andar sobre (duas) rodas. E o Rodrigo está ansioso por ir a pedalar com os amigos.

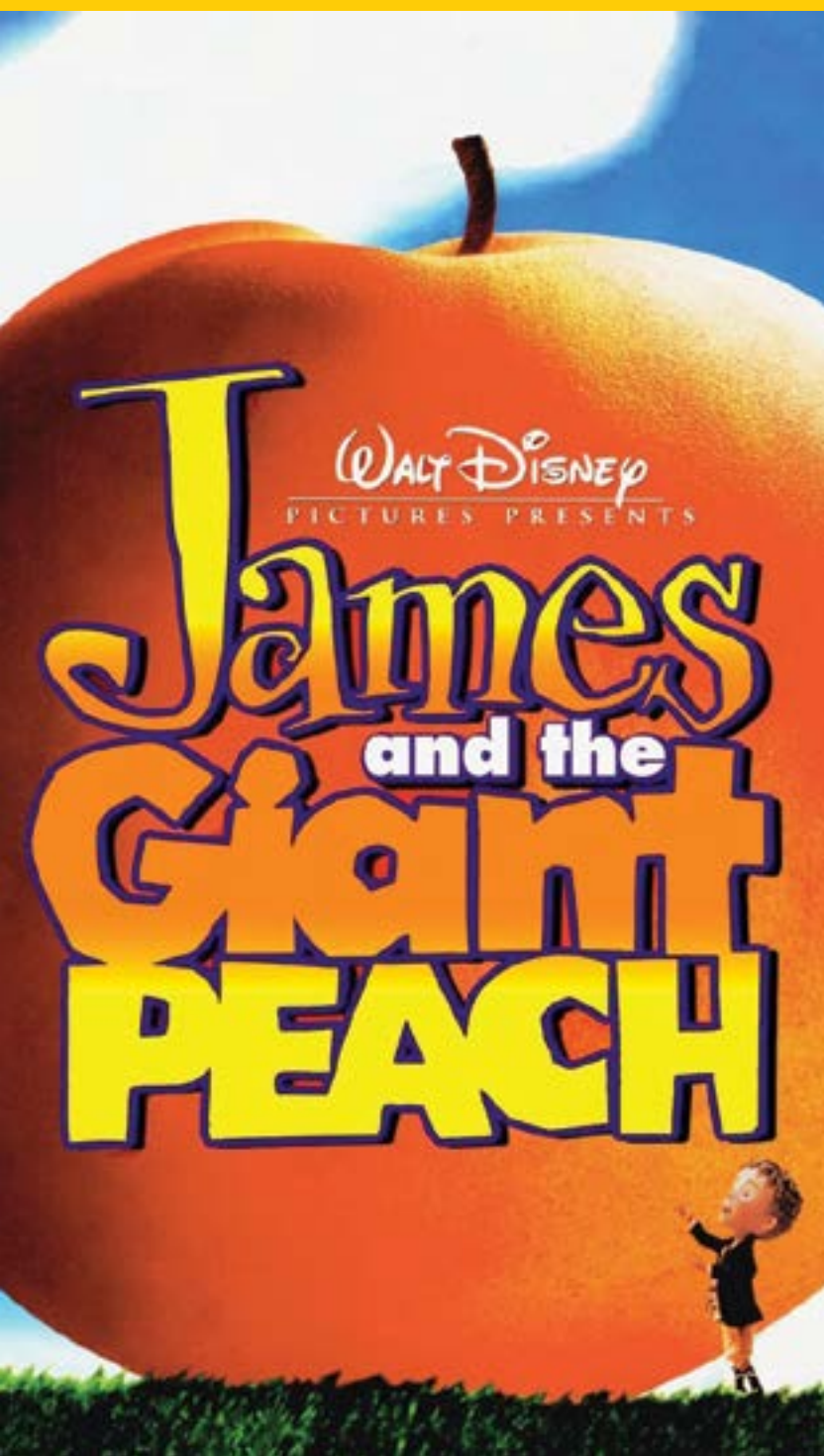
Inês Brito

Inês Brito, 36 anos, natural, residente e apaixonada por Aveiro. Amiga do ambiente, mas sem extremismos. Cada vez mais preocupada em levar a sustentabilidade para os eventos que cria e organiza através d’a fada madrinha, um dos seus projetos profissionais.



DOS LIVROS PARA A TELA

“James e o Pêssego Gigante” Inocente e sonhador



Henry Selick faz magia na adaptação para o cinema de “James e o Pêssego Gigante”, utilizando técnica da alternância com atores de carne e osso, para construir uma saga visual cativante.

Mas passemos à história: James e os pais sonham com uma ida a Nova Iorque, a cidade “onde os sonhos se realizam”. No entanto, após o acidente que tirou a vida dos seus pais, James passa a viver com duas tias malvadas, que quase o escravizam.... Mas a sorte de James muda quando um homem misterioso lhe entrega um pacote com uma bizarra receita, que acaba por culminar no nascimento de um pêssego gigante. Depois de entrar neste fruto, James conhece insetos que o acompanharão numa curiosa jornada. Tim Burton aparece como produtor, mas a sua mão é evidente, na inclinação para o mórbido e o bizarro, sem deixar que estas características ofusquem o caráter onírico de “James e o Pêssego Gigante”. A película é, com efeito, leve, mas ao mesmo tempo muito expressiva. O momento em que os atores reais saem de cena para dar lugar a cenários e personagens inteiramente animados é especialmente marcante. É um filme tecnicamente trabalhoso e elaborado, uma película banhada com humor inteligente e que fascina qualquer espectador.

O RECONHECIMENTO DA CRÍTICA

Com “James e o Pêssego Gigante”, escrevia a *Folha de S. Paulo* nos anos 90, os estúdios Disney conquistam estética mais sofisticada no desenho animado, com estilo que ao mesmo tempo é verossímil e mais difícil de ser decodificado pelo público de massa, do que,

por exemplo “A Bela e a Fera” ou “Pocahontas”. Trata-se de uma virtude, pois o filme, dirigido por Henry Selick (de “O Estranho Mundo de Jack”), ensina e diverte com traços ásperos, sombras e imagens surrealistas, além do humor peculiar às produções Disney. “James e o Pêssego Gigante”, adaptado de livro do escritor **Roald Dahl** (1916-1990), mistura atores, bonecos, computação gráfica para contar a história de um solitário menino de 9 anos. Órfão, maltratado por tias abomináveis e privado da companhia de crianças, a melhor amiga de James é uma aranha. Elementos mágicos criam um enorme pêssego que transporta James e seus amigos insetos por uma incrível viagem, a bordo do pêssego, até a Nova York da década de 40.

O LIVRO

Tudo começa quando um dia surge um homem estranho dando ao menino “coisinhas” verdes, prometendo uma vida de alegria. James corre para casa com essas “coisinhas”, mas tropeça e as derruba acabando estas por rapidamente penetrarem na terra por baixo do pessegueiro. Então, um milagre acontece... Da árvore estéril, nasce um pêssego que cresce mais e mais até ficar maior que um elefante.

As tias não perdem tempo e fazem um “negócio” à volta do fenómeno. À noite, quando todos se foram embora, o menino aproxima-se e avista um buraco, pelo qual entra até chegar ao que parece uma portinha.

Entrando, depara-se com uma grande surpresa: encontra os insetos que viviam no quintal. Resultado: acabam por sair juntos viajando dentro da fruta, vivendo aventuras mágicas e fazendo as pazes com a alegria...é uma viagem deliciosa, fortemente embalada de ternura, amizade que só poderia ser vista pelos olhos de uma criança, o James.

O LEGADO

Este filme é um dos clássicos da Disney, datado de 1996, que nos ensina a lutar, superar os medos e sonhar.

“James e o Pêssego Gigante” é muito mais que um livro/filme infantil. Tem momentos bem interessantes para os adultos. Para além das pequenas lições de moral, sente-se o apelo para nunca deixar a criança interior morrer.



CARLOS NUNO GRANJA



CARLOS NUNO GRANJA nasceu em Ovar, no outono de 1975.

Começou a escrever poemas aos 9 anos e aos 11 anos recebeu uma máquina de escrever.

É professor do 1.º ciclo de escolaridade há 20 anos. Depois de fazer a Licenciatura para a docência no Ensino Básico-variante de Português e Inglês, na Escola Superior de Educação de Viseu, regressou aos estudos, 20 anos mais tarde, para frequentar o Mestrado em Estudos Clássicos na Faculdade de Letras de Coimbra. Fez uma Pós-Graduação em Leitura, Aprendizagem e Integração das Bibliotecas nas Atividades Educativas na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

O seu gosto pela escrita abrange todos os géneros, tendo 18 livros publicados (entre poesia e literatura para a infância) nos anos que leva de vida literária.

É o programador do *Festival Literário de Ovar* desde a sua primeira edição e organiza eventos literários e culturais no Museu de Ovar.

Tem um programa de rádio sobre literatura na AV FM (*A ler é que a gente se ouve*) e um programa sobre a atualidade com diversos convidados ao longo do mês (*Sobre tudo e sobre nada*).

Cometeu a loucura de abrir uma livraria em Ovar (*Doninha Ternurenta*) e de fundar uma editora. A paixão pelos livros, sempre incompleta, é uma forma de acreditar no mundo e nas pessoas, e de duvidar de todas as certezas.

A Livraria Doninha Ternurenta

Carlos Nuno Granja não tem na sua livraria apenas livros para os mais pequenos, mas a qualidade da seleção é notória. Organizam-se horas do conto, apresentações de livros, oficinas de marionetas e outras formas de expressão. Para completar o programa de uma tarde criativa em Ovar, aqui perto fica o Parque Urbano, com um relvado extenso e o rio Cáster a passar.

“Sempre considerei o gosto de um dia poder vir a ter uma livraria”, confessa Carlos Nuno Granja, a Doninha Ternurenta “pretende apenas criar oportunidades que a cidade antes não oferecia, incluindo um território mais vasto que abrange todo o concelho. Até mesmo concelhos vizinhos. Encontros com autores e ilustradores, para além de oficinas diversas.”

Pode parecer estranho, mas esta Doninha não cheira mal (como as outras), é inovadora e criativa: no espaço, organizam-se horas do conto, apresentações de livros e oficinas variadas.

POEMAS INÉDITOS



Era futebol sem balizas

No tempo do Eusébio,
A roupa era um farrapo
E a bola feita de trapos.
Qualquer campo de areia servia
E ninguém se chateava.
Poucos queriam ir para a baliza.
Não havia árbitro,
Todos reclamavam
E ninguém se chateava.

No tempo do Eusébio,
O futebol a brincar era sério.
Uns ganhavam, outros perdiam.
E ninguém se chateava.

No tempo do Eusébio,
Dois pares de sapatos serviam,
Meias rotas até aos joelhos,
Alguns descalços
Ou com uns ténis já velhos...
No tempo do Eusébio,
Dois pares de sapatos serviam
Para fazer de balizas.

Cabelos ao vento

Leva tranças no cabelo
A Rosa dos caracóis.
Às vezes parece um novelo.
Às vezes que leva dois sóis.
Leva ondas no cabelo,
Risco ao meio, risco ao lado,
Fica meia chateada,
Quando o leva cortado.
À chuva, fica molhado,
Solta-se quando vai ao vento.
Mas o cabelo da Rosa,
Castanho da cor de avelã,
Galopa pela manhã,
Porque a pressa de chegar à escola
Só deu para um rabo de cavalo.
É bonito de se ver
O cabelo da Rosa espalhado,
Penteado com amor,
Depois de aconchegado
Por um barulhento secador.

Relógio de parede

A minha avó tem em casa
Um relógio de parede.
Não tem cuco ou canário.
Vira os ponteiros ao contrário.
Até parece um armário.
O relógio de parede
Que a minha avó tem em casa,
Fala apenas de hora em hora,
Reclama todos os dias
Que gostava de viajar,
Sair pela rua a dançar
E perder a sua mania
De ver passar o tempo.
Não deve ser nada fácil,
Ficar parado o dia inteiro
Sem ter nada para fazer
Ou contar todo o tempo
Na sua cabeça a rodar,
Sentir as horas que passam
A passar muito devagar.



LEMOS, GOSTAMOS E... RECOMENDAMOS.



QUANDO A TRISTEZA CHAMA...

Num tempo em que justamente se valoriza a inteligência emocional e se reclama de todos a atenção às emoções e ao trabalho com as mesmas, eis que este **Quando a tristeza chama – Manual de Instruções** (2019. Lisboa: Livros Horizonte) constitui-se como um livro absolutamente original, não só pela temática, mas pelo modo aparentemente singelo como o texto se articula com a ilustração, suscitando no leitor (de qualquer idade) comoção, contemplação e inspiração.

“Às vezes, a Tristeza chega sem avisar”, mas esta visita invulgar nem sempre é o que parece, ou melhor, nem sempre é tão má como habitualmente se considera. Afinal, trata-se da visita de alguém que aparece figurado no texto com atributos humanos e na ilustração através de uma figura humana esverdeada (não figurada), que se torna presente a tal ponto que “é como se tivesses passado a ser tu a Tristeza.”

Este tu (o leitor) é outra força deste livro, na medida em que o narrador onisciente é carinhosamente assertivo (e imperativo, o que justifica o subtítulo) e ajuda a identificar e aprender a lidar com a Tristeza (elevada à condição de personagem): “Tenta não ter medo dela. Dá-lhe um nome. Escuta-a. Pergunta-lhe de onde vem e do que precisa.” (...) “Experimenta sair com ela.”

O mencionado tu, a dado passo, torna-se um nós: “Se não se entenderem, sentem-se apenas em silêncio durante algum tempo. Arranjem alguma coisa que ambos gostem de fazer, como desenhar...”. “Podem passear por entre as árvores.”

Um magnífico livro! Uma forma literária e pedagogicamente hábil de abordar o tema da tristeza em concreto e dos sentimentos em geral. Leitura obrigatória para todos, miúdos e graúdos!

Eva Eland (2019). *Quando a tristeza chama – Manual de Instruções*. Lisboa: Livros Horizonte.

O NASCIMENTO DO DRAGÃO

Mas vamos à história. Ao contrário do significado que tem na cultura ocidental, representando o mal e as trevas, o Dragão chinês é uma criatura benevolente que representa poder, força, nobreza e paz. Trata-se duma criatura mística que apresenta características de diversos animais. Segundo a mitologia chinesa, este foi um dos quatro animais sagrados convocados por Pan Ku, o Deus criador, para participar na criação do mundo.

Tendo isto em conta, esta obra é uma tentativa de explicação do nascimento do (mito do) dragão. Segundo o texto, em tempos que lá vão, cada uma das várias tribos chinesas venerava um animal sagrado, símbolo dos seus espíritos protetores. Em nome destes, os adultos travavam guerras sem fim, até que um dia as crianças (note-se) se fartaram, declararam guerra à guerra e decidiram criar um animal que unisse todas as diferentes tribos. Agarraram no corpo da serpente e colaram-lhe as escamas do peixe. Pegaram na cabeça do cavalo e fixaram-lhe os cornos do búfalo. Juntaram depois essa cabeça ao corpo, acrescentaram-lhe as patas do pássaro e a este animal bizarro chamaram-lhe dragão. E, assim, generalizou-se a crença de que os chineses são descendentes do dragão, tornando-se este, na China, o símbolo da paz e celebrando-se em sua honra com alegria o Ano Novo Chinês.

A obra é bilingue, em português e chinês, e conjuga literatura, caligrafia e ilustração. É complementada com um desdobrável (apenso no verso da contracapa) que, além do jogo da Memória e de conselhos técnicos para praticar, fornece informação relevante sobre os selos (ou pedras gravadas) que mais não são do que as ilustrações (presentes ao longo da obra) e a milenar arte da caligrafia (com a sua ordem dos traços).

Um livro imperdível! Sobre tudo para queira ter uma ponta do coração a morar no longínquo país dos dragões!

Wang Fei, Marie Sellier, Catherine Louis (2019). *O nascimento do Dragão*. Matosinhos: Kalandraka Portugal.



OS IDIOTAS

Trata-se de uma história hilariante que aborda a vida de um casal de idiotas que se odeiam e que constantemente pregam partidas um ao outro! Aqui acontece de TUDO, literalmente: rãs na cama, olhos na bebida e minhocas no esparguete.

Eles são mal-educados, não têm higiene e são odiados por toda a gente (crianças, macacos e pássaros). Este casal pouco ortodoxo apresenta dois macacos enjaulados no jardim.

Mas estes macacos estão saturados de ser maltratados e decidem fugir da jaula para infernizar a vida dos idiotas! E não é que de forma astuta conseguem?

Um livro muito acessível, sendo agradável e muito bem-disposta a leitura, acompanhada por ilustrações também hilariantes de Quentin Blake.

Roald Dahl (1916-1990) nasceu no País de Gales, filho de pais noruegueses. Durante a II Guerra Mundial foi piloto da RAF (Royal Air Force). Foi casado duas vezes e teve 5 filhos. Começou a escrever em 1942. Considerado um dos grandes escritores do Reino Unido - The Times colocou-o no 16.º lugar na lista dos 50 maiores escritores britânicos desde 1945 - e conhecido sobretudo pelas aventuras fantásticas que escreveu para os mais novos, é provável que o seu nome não seja assim tão conhecido entre as crianças portuguesas que podem até nunca ter lido um livro seu.

De qualquer das formas, provavelmente já viram Matilda, a menina com ânsia de aprender do filme realizado em 1996 por Danny DeVito. Ou então *Charlie e a Fábrica de Chocolate*, o filme de Tim Burton (2005) com Johnny Depp no papel do alucinado Willy Wonka.

Todas estas histórias são baseadas em livros de Roald Dahl.

Roald Dahl & Quentin Blake (2016). *Os idiotas*. Lisboa: Oficina do Livro.

AVENTURAS DO ZÉ PENINHA – O DIA EM QUE PERDEU O ESQUELETO

Esta *Aventuras do Zé Peninha: o dia em que perdeu o esqueleto* foi a primeira

história que a autora inventou quando ainda só tinha 13 anos, sendo possível identificar algumas características peculiares da sua escrita, como a (aparente) simplicidade do argumento e a ironia.

Nesta história, o argumento apresenta um Zé, muito magrinho, a quem todos chamavam Pele e Osso e que não sabia o que havia de fazer da sua vida. Até que, um dia, os seus olhos se arregalaram diante dum grande anúncio, que dizia: «Faculdade de Medicina compra esqueleto em bom estado para estudo. Paga-se bem.» E se eu vendesse o meu esqueleto?”, matutou ele. Não lhe servia para nada e ainda tinha de o carregar... E se o pensou, logo o concretizou, “assinou a papelada e, de seguida, foi para o bloco operatório, onde o anestesiaram. Quando acordou, já não tinha esqueleto. Só pele. A partir de então, todos deixaram de o tratar por Pele e Osso, e ele passou a ser carinhosamente chamado Zé Peninha! Ficou leve como uma pena! Podia enrolar-se, dobrar-se como um papel, esticar-se à vontade, transformar-se num novelo.” E começam novas aventuras...

Com ilustrações de João Vaz de Carvalho, esta história, escrita e ilustrada com ironia, constitui uma provocação à imaginação dos mais pequenos, tanto mais que as perguntas com que o livro conclui, a isso (n)os desafiam: “Onde é que foi parar? Que mais lhe terá acontecido?”

Alguns temas e reflexões podem nascer da leitura deste livro, como, por exemplo, a aceitação do próprio corpo, a “fazer pela vida”, a pobreza versus riqueza, a riqueza versus liberdade, a invisibilidade a que a sociedade conduz certas pessoas, entre outros.

Luísa Ducla Soares & João Vaz de Carvalho (2019). *Aventuras do Zé Peninha: o dia em que perdeu o esqueleto*. Lisboa: Livros Horizonte.



LEMOS, GOSTAMOS E... RECOMENDAMOS.



PETIT, O MONSTRO

A autora/ilustradora argentina ISOL, autora que, em 2013, recebeu o prestigioso Prémio ALMA, brinda-nos com um livro desafiante pelas questões que aborda e pelo que «faz pensar». Este é, em nossa opinião, um daqueles livros que deve fazer parte de um cânone de filosofia com/para crianças.

Petit, o monstro começa com uma pergunta ao leitor, o que, de si, é, desde logo, significativo, porque centra a atenção do leitor no personagem. Depois, segue-se um conjunto de afirmações antitéticas sobre o Petit: é um menino bom / é um menino mau. Ou, de outro modo, «- Como é que um menino tão bom às vezes faz coisas tão más? O Petit não sabe o que dizer. E não se percebe o que se passa com ele! (...) Afinal é mesmo bom? Ou mesmo mau? (...) Acho que sou um menino bom-mau. Não há outra explicação!»

Talvez um dos objetivos deste livro seja o de derrubar as fronteiras (que alguns querem exatas – também Petit chega a desejar «um manual de instruções que lhe explique isto tudo.») entre o bom e o mau, o certo e o errado, de modo a superar hipocrisias, preconceitos morais e sociais e sobretudo supremacias de qualquer tipo.

Um livro para ler, reler, tresler e conversar, dialogar, sossegadamente!

ISOL (2019). *Petit, o monstro*. Lisboa: Orfeu Negro / Orfeu Mini

SE OS ANIMAIS ESCOLHESSSEM A SUA NACIONALIDADE

Os animais são protagonistas desta história de Alice Cardoso, que associa animais a países, articulando as características de dado animal com as tradições, a cultura, a arte, a história, a geografia de certo país. Esta ideia, aparentemente simples, ajuda a identificar o que seja isso de nacionalidade, identidade, interculturalidade, entre outros conceitos ligados à identidade e ao território. Para nos lembrar que todos os humanos, absolutamente todos, são, antes de qualquer outra coisa, cidadãos do mundo e, nesse sentido, irmãos de todos os outros. Só depois vem a especificidade própria da nacionalidade, da cultura, entre outras.

Assim, se os animais escolhessem a sua nacionalidade, a girafa seria francesa por causa da Torre Eiffel, o sapo seria russo por ser bailarino, a cabra seria holandesa por causa as tamancas e das flores, o texugo seria egípcio por causa das escavações arqueológicas, o peru seria peruano por razões óbvias, o morcego seria romeno por causa do Drácula, o grilo seria austríaco por causa do canto e da músicas, o gato seria italiano por ser o gatos da(s) bota(s), a lagosta seria espanhola, o cão seria inglês por farejar pistas, o crocodilo seria timorense, o peixe balão seria americano para ir à lua... e o galo seria português, pois claro! Sempre a cantar de galo!

A obra, com saborosas ilustrações de Cátia Vide, convoca à continuação da criatividade, desafiando o leitor a novas associações textuais e visuais, em português ou em inglês, já que o livro é bilingue.

Alice Cardoso & Cátia Vide (2015). *Se os animais escolhessem a sua nacionalidade*. Coimbra: Recortar Palavras.



O GRANDE LIVRO DOS OCEANOS

O Grande Livro dos Oceanos insere-se no que vulgarmente se designa por livro-documentário. Com texto e (magníficas) ilustrações de Yuval Zommer, e supervisão da especialista de vida marinha Barbara Taylor, o livro funciona como uma enciclopédia visual da vida marinha, adaptada ao espírito curioso das crianças., como mostra, por exemplo, a pergunta inicial (logo na ficha técnica): «Consegues descobrir... exatamente a mesma sardinha 15 vezes neste livro? Atenção, há impostores.» O próprio índice ou sumário é uma pergunta: «O que há dentro deste livro?». Além disso, todas as «entradas» sobre cada assunto ou tema começam com uma pergunta, como, por exemplo: «Que tipo de animais vivem nos oceanos?» ou «Como é que os animais respiram debaixo de água?». As respostas são curtas, em pequenos incisos textuais integrados na ilustração, e sem complexidades técnicas ou palavras difíceis.

Os animais marinhos são muitos, descritos no texto e caracterizadas (sem ser ilustração científica) na ilustração (esta acompanhada por legendas descritivas, na página da esquerda e na vertical).

O livro conclui com duas perguntas importantes, a modo de provocação: «O mar está ameaçado?» e «Como é que o lixo polui o mar?». Duas páginas «mostram» o esconderijo da sardinha especial do início do livro; outras duas, ensinam, a modo de resumo, as palavras-chave para quem queira «falar como um especialista de peixes».

Na mesma coleção, editora e autor, podemos ler «O Grande livro dos Insetos» e «O Grande Livro dos Animais».

Uma excelente ferramenta educativa!

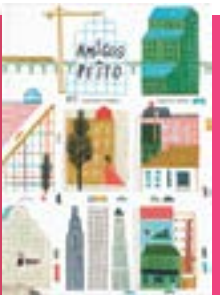
Yuval Zommer (2018). *O Grande Livro dos Oceanos*. Lisboa: Bizâncio.



AMIGOS DO PEITO

Neste livro somos levados pela mão, pelo olhar e pela voz amiga de um menino que mora num bairro diferente de alguns e igual a tantos outros, um bairro onde «Amigo não tem apelido: amigo tem endereço.», são da esquina, do lado, são amigos do peito. Este bairro por onde o menino nos conduz é muito parecido com o nosso: há uma escola, um bar, uma casa à esquina, um jardim, prédios. Mas as ruas e as casas não são as únicas coisas que nos parecem familiares, também a voz do menino nos soa familiar, bastante semelhante à nossa... E os amigos de quem ele fala (a Ana Lúcia e o irmão dela, o Carlos Alberto que não empresta a bicicleta a ninguém, o Bruno do prédio da frente, o Ricardo do sétimo andar, o irmão da Lúcia, o filho do dono do bar) parecem ser os nossos, porque todos temos amigos do peito e todos brincamos. Este bairro é um espaço comum que nos recorda que somos todos feitos de amigos e sítios, e que nos faz estremecer por dentro quando os revemos. Um texto poético de Cláudio Thebas maravilhosamente amplificado pelas belíssimas ilustrações de Violeta Lópiz

Cláudio Thebas & Violeta Lópiz (2018). *Amigos do Peito*. Figueira da Foz: Bruaá editora.



VISITA GUIADA

A Casa Museu Egas Moniz

Os museus, por modestos que sejam, são centros de educação e regalo espiritual; quisera um em cada cidade, em cada vila e em cada aldeia para que o povo se elevasse na comunhão espiritual de Belo.

Egas Moniz



Egas Moniz (António Caetano de Abreu Freire) nasceu a 29 de novembro de 1874 em Avanca, concelho de Estarreja, na Casa do Marinheiro. Esta deslumbrante e imponente moradia pertencera já aos seus antepassados, tendo sido aqui que o conceituado médico e professor passara e vivera toda a sua infância. Dentro e fora de portas, aquele que mais tarde viria a ser uma das mais influentes pessoas ligadas à área da saúde, pôde correr, brincar, descobrir e colecionar memórias que o acompanharam durante toda a vida.

Depois de iniciar o seu percurso académico na Escola Primária de Pardilhó e de lhe serem conhecidas passagens pelo Colégio de S. Fiel dos Jesuítas e pelo liceu de Viseu, Egas Moniz assina a sua matrícula no curso de Medicina na Faculdade de **Medicina da Universidade de Coimbra**. A cidade mencionada anteriormente vê-lo-ia terminar o curso em 1899, o respetivo doutoramento em 1902 e acolheria aquele que, a partir de 1903, se estabeleceria como *Professor Catedrático* da própria instituição onde se formara. Aos 29 anos de idade, eram-lhe já reconhecidas aptidões e funções pouco características da sua faixa etária, fruto do seu vasto e rico conhecimento e da sua dedicação ao bem medicinal. Oito anos volvidos, seria convidado a ocupar a cadeira de Neurologia, em Lisboa, cuja criação havia sido feita pela República e cujo ensino representava uma estreia entre os objetos de estudo disponibilizados em território nacional.

Paralelamente à sua dedicação pela medicina, Egas Moniz foi ainda uma personalidade ativa no campo da política durante os derradeiros anos da Monarquia e da vigência da primeira República. Desta forma, acumulou funções como *Deputado* de diversas Legislativas entre 1900 e 1917 e como *Ministro de Portugal*, em Madrid (1917), *Ministro dos Negócios Estrangeiros* (1917-1918) e ainda como primeiro *Presidente da Delegação Portuguesa à Conferência da Paz* (1918). A sua ideologia democrata fez com que combatesse qualquer forma de Ditadura, ato que lhe custou diversas críticas em certas fases da sua vida.

A obra de Egas Moniz fica fortemente ligado ao desenvolvimento da **Angiografia** e à descoberta da **Leucotomia Pré-Frontal**, em 1935, enquanto dedicava o seu empenho ao estudo das doenças mentais. De forma muito resumida, este método consistia em cortar a substância branca dos hemisférios cerebrais para que se pudesse proceder ao tratamento, por exemplo, da esquizofrenia e de psicoses. Este desenvolvimento no cuidado dos

doentes mentais e o aperfeiçoamento de uma técnica que mereceu rasgados elogios, tanto a nível nacional como a nível internacional, resultariam na atribuição do **Prémio Nobel da Medicina** a 27 de outubro de 1949.

Para além de cidadão português, Egas Moniz cria também uma assinatura mundial, conforme fica comprovado pelo seu percurso e pela sua longa e vasta carreira. Havia, no entanto, um sítio que não esquecia na hora de celebrar os seus feitos. Um sítio que era mais que a sua primeira casa e que a sua primeira morada. Um sítio que encerrava as memórias e os valores que lhe haviam moldado a personalidade e a forma com que encarava a vida. Um sítio que se dava pelo nome de **Casa do Marinheiro**, como já foi referido anteriormente. A primeira morada de Egas Moniz seria transformada em casa de férias, em 1915, após um período menos bom que por pouco não causava a sua completa ruína. Com a salvação de uma obra que lhe significava muito e que o transportava para as vivências ternurentas do antigamente, o conceituado médico prestava uma sentida homenagem a uma família que, geração após geração, foi perdendo todos os seus elementos. Para além de admiráveis feitos nas áreas da educação, da investigação e da medicina, Egas Moniz revelou ter um aprimorado sentido de bom gosto no que toca a peças de arte, fossem estas esculpidas ou pintadas. A forma como fazia uso das suas aquisições definiam-no como um apreciador da arte e do belo, ao invés de o colocarem em pé de igualdade com um colecionador. A 14 de julho de 1968 a Casa do Marinheiro passava a ser, oficialmente, a **Casa Museu Egas Moniz**.

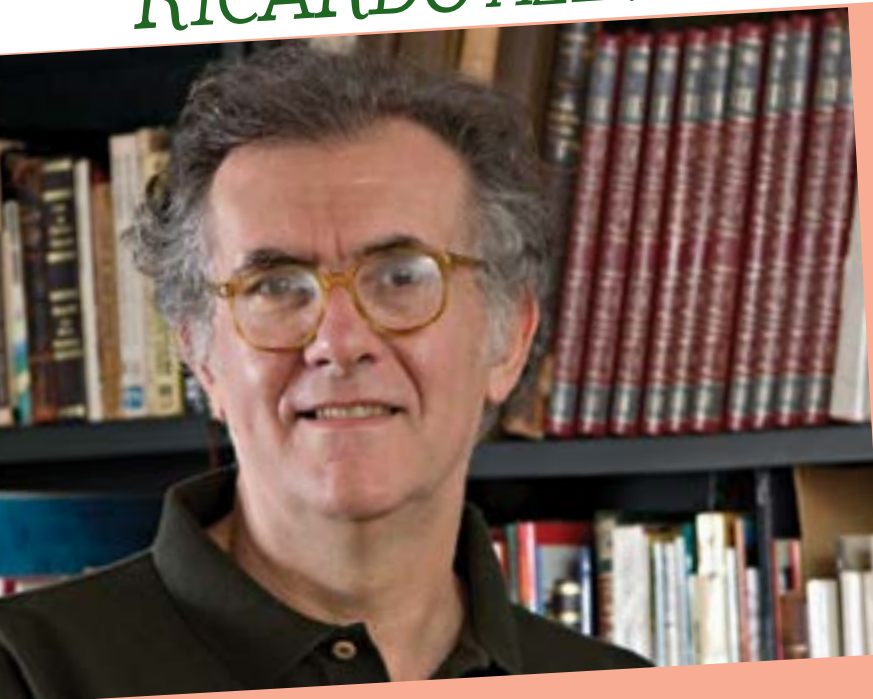
As várias divisões que constituem esta *Casa Museu* mantêm-se conservadas conforme a sua aparência no tempo em que lhes era dado uso. À medida que o visitante passeia entre as várias salas desta moradia, o convite a imaginar os serões passados naquele espaço torna-se inevitável. Ao apreciar o majestoso *Salão de Festas* e o belo conjunto de cadeirões vermelhos

que o compõem, quase que se conseguem ouvir leves notas vindas de um piano ou de um bandolim e o movimentar das saias das senhoras que cruzam as suas pernas entre as muitas conversas. Na *Sala de Jogo* entoam ainda as batidas surdas das cartas utilizadas pelos cavalheiros. Ou ainda o ligeiro cavaquear da *Biblioteca*, onde o numeroso amontoado de livros encerra inúmeros ensinamentos e representa uma das maiores heranças do professor. A *Sala de Jantar* encontra-se disposta de acordo com os costumes do passado, e sobre a mesa está ainda o serviço de louça que permitia o prolongamento de uma refeição sem que as comidas ficassem frias. E por entre *Quartos*, um *Oratório* e uma pequena *Capela*, o visitante chega à *Sala Científica*, na qual se encontram expostos os objetos que marcaram as suas descobertas referentes à **Angiografia Cerebral** e a **Leucotomia Pré-frontal**, feitos que o conduziram ao mais prestigiado prémio internacional e que ainda hoje fundamentam o conhecimento das patologias do foro mental. A *Sala do Prémio Nobel* comprova a vida e a obra de Egas Moniz, sendo possível observar o diploma e a medalha de ouro referentes à conquista de 1949, as várias condecorações amealhadas ao longo da sua vida e ainda um retrato seu, pintado por Henrique Medina. O seu busto, da autoria de Pinto do Couto, finaliza este passeio por entre as memórias do professor.

Egas Moniz haveria de falecer em Lisboa a 13 de dezembro de 1955 com os seus maduros 81 anos de idade. Para trás, deixara um trajeto memorável na área da ciência e uma marca destacável na história de Portugal. A **Casa Museu Egas Moniz** representa a celebração da sua vida enquanto professor e médico e a conservação das suas memórias enquanto homem. Nos vários recantos da casa, Egas Moniz ainda se encontra bem vivo. E assim continuará, enquanto se abrirem as portas do seu legado.

João Caçador

RICARDO AZEVEDO SOBRE LITERATURA E CIDADANIA



Vivemos em tempos científicos e tecnológicos. A ciência e a tecnologia, como disse Martin Heidegger, têm como objetivo final extrair e tornar útil de forma controlada e ilimitada, a energia da natureza. O problema, segundo Heidegger, é que o homem faz parte da natureza e, portanto, também está submetido a esse processo de extração e dominação, mas não é o caso de discutir nada disso aqui. Quero apenas lembrar que o utilitarismo e o funcionalismo, diretamente ligados ao pensamento técnico e científico (e econômico), parecem fazer parte, cada vez mais, da visão que temos da vida e do mundo.

Eis porque, no ambiente atual, *somos levados a acreditar que o que não tem utilidade nem função, não tem sentido.*

Mas, pergunto ao leitor, para que serve o devaneio? Qual a função da amizade? Para que serve o sublime? Qual a função da festa, da brincadeira, da dança e da música? Afinal, para que serve ou qual a função da vida?

Reconheço que não tem muito nexo fazer esse tipo de pergunta, mas, da mesma forma, não creio que tenha cabimento tentar buscar na literatura uma função e uma utilidade, pelo menos nos moldes da ciência e da técnica.

Para além de utilidades, funções, programas, sistemas e informações, convenhamos, existem muitos e muitos assuntos. Por exemplo: a construção de um sentido para a vida; a busca do autoconhecimento; as paixões humanas; a confusão entre "realidade" e "imaginação"; a luta arcaica e atual do velho contra o novo (ou entre as gerações, ou entre tradição e renovação);

o problema da dupla existência da verdade (em outras palavras, da "colisão do Bem com o Bem"); a efemeridade ampla, geral e irrestrita; as utopias pessoais; os conflitos morais; a questão da identidade; as incoerências, ambiguidades e contradições inerentes à existência humana concreta e assim por diante.

Tais são, a meu ver, os assuntos da literatura, assuntos note-se não passíveis de "sistemas e métodos". Alguém que queira programaticamente propor técnicas e exercícios relativos à paixão ou métodos para controlar o fértil e vital confronto entre as gerações fará tudo menos algo que deva ser levado a sério.

Ao contrário da ciência e da técnica, que vivem em busca de padrões universais obtidos por meio da análise objetiva dos fenômenos, **a literatura carrega em seu bojo, necessariamente, uma voz pessoal e um ponto de vista subjetivo e original com relação às coisas da vida e do mundo.** Além disso, opera fundamentalmente por meio da ficção.

Aos utilitaristas que consideram a ficção uma inutilidade, sempre é bom lembrar que ela representa uma das mais importantes formas de experimentar a verdade criadas pelo homem. Sem a ficção seríamos incapazes de imaginar cenários e hipóteses tanto para nosso futuro pessoal como para um futuro melhor para a sociedade e para o mundo.

Por essas e outras razões, **sempre tenho dúvidas quando se pretende associar a literatura a temas como cidadania e outros do gênero.**

Trata-se na maioria das vezes de uma tentativa de torná-la "útil" ou, melhor, de reduzi-la a uma mera "função".

Esquece-se que o próprio conceito de "cidadania", para ficar no mesmo exemplo, considerado consensual por princípio é, na verdade, bastante impreciso, afinal, alguém poderia sugerir uma "autêntica cidadania nazista".

Todos almejamos que nossos jovens, assim como nossos adultos, tenham uma boa noção do que seja a cidadania. Mas que cidadania?

Fora o senso de responsabilidade para com nossa sociedade e para com nossos concidadãos, creio que **falar em cidadania implica a compreensão de que num mesmo contexto social podem haver diferentes padrões sociais, éticos e estéticos e que todos devem ser igualmente respeitados.** Implica o repúdio a qualquer tipo de exploração do homem pelo homem. Implica lidar com o inevitável confronto entre liberdade e autoridade. Implica o respeito a diferentes opções e estilos de vida desde que estes não prejudiquem o outro. Implica a luta contra a destruição da natureza. Implica compreender que é inerente à vida em sociedade o conflito entre interesses pessoais e interesses coletivos. Implica o engajamento na construção de uma sociedade mais democrática, justa e solidária para os recém-chegados e para os que ainda não nasceram.

Duvido que uma noção abstrata como "cidadania", apenas por ser mencionada num discurso, consiga abarcar de forma significativa e comparável tantas questões.

O mesmo costuma ocorrer com conceitos abstratos como "liberdade". "Igualdade", "justiça" e outros. São tão amplos que correm o risco de se transformarem em simples retórica. Eis porque são recorrentemente utilizados por ditadores, demagogos e políticos populistas, assim como pela publicidade.

Talvez fosse melhor falar pelo menos em algo como "cidadania humanista." Mas para isso teríamos que definir cidadania e humanismo.

Deixo o problema para o leitor.

Acredito, em todo o caso e para finalizar, que jamais teremos uma sociedade digna desse nome sem que seus cidadãos tenham amplo acesso à literatura (e à arte). Mas não uma literatura domesticada e utilitária. Nem uma literatura politicamente correta ou escrava de ideologias e das leis de mercado.

Refiro-me a **uma literatura**, seja ela considerada adulta, infantil, juvenil, erudita, popular, nacional, estrangeira ou outra, plena de vitalidade, **capaz de descrever e discutir de forma inesperada a vida e o status quo; capaz de emocionar; capaz de ampliar a visão que temos de nós mesmos; uma literatura que seja ética** no sentido de expressar os sentimentos profundos e a visão de mundo do escritor e não apenas seus interesses imediatos; que seja inventiva com relação à linguagem e que consiga colocar em palavras as inquietações e contradições humanas.

Vou concluir esse artigo com "O artista inconfessável" de João Cabral de Melo Neto (*Museu de tudo*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976), belo poema que, a meu ver, aborda tudo o que discutimos até agora e muito mais.

**Fazer o que seja é inútil.
Não fazer nada é inútil.
Mas entre fazer e não fazer
mais vale o inútil do fazer.
Mas, não, fazer para esquecer**

**que é inútil: nunca o esquecer.
Mas fazer o inútil sabendo
que ele é inútil, e bem sabendo
que é inútil e que seu sentido
não será sequer pressentido,
fazer: porque ele é mais difícil
do que não fazer, e dificilmente
se poderá dizer
com mais desdém, ou então dizer
mais direto ao leitor Ninguém
que o feito o foi para ninguém.**



Ricardo Azevedo é escritor e ilustrador com vários livros publicados, Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo e investigador na área da cultura popular. Saiba mais em www.ricardoazevedo.com.br e <https://www.facebook.com/rjdazevedo/>

DICAS DE ESCRITA

As personagens, segundo o escritor Jordi Sierra i Fabra

Ao longo deste ano letivo, vamos oferecer-te decálogos de escritores conhecidos que são excelentes dicas de escrita.



Jordi Sierra i Fabra (Barcelona, 26 jul 1947) é um escritor espanhol multifacetado. Nos últimos 25 anos, as suas obras de literatura para crianças e jovens tornaram-no uma referência para os jovens da Espanha e América Latina. Foi também um estudioso notável de *rock* desde o final dos anos 60. Começou a escrever com 8 anos e aos 12 anos escreveu sua primeira novela com mais de 500 páginas. Em 1970, abandonou os estudos para trabalhar, tornando-se exclusivamente comentarista musical. Publicou cerca de 400 livros e ganhou muitos prémios (Nacional de Literatura Infantil da Universidade de Sevilha, a Villa de Bilbao, Vaixell Vapor, Wide Angle, Edebé, Columna Jove, Joaquim Ruyra, CCEI, Nas Margens do Vento, entre muitos outros).

Muitos de seus romances foram adaptados para teatro e alguns para televisão. Em 2006 e 2010, foi nomeado para o Prémio Nobel de literatura para jovens, o prémio *Hans Christian Andersen*.

Em 2004 criou a **Fundação Jordi Sierra i Fabra**, em Barcelona, destinada a promover a escrita criativa entre os jovens, instituindo um prémio literário para menores de 18 anos. Em 2004, levou a **Fundação Workshop Lyrics Jordi Sierra i Fabra** para a América Latina com sede em Medellín, Colômbia, atendendo mais de cem mil crianças e jovens por ano.

A literatura de **Jordi Sierra i Fabra** é caracterizada por um habilidoso uso de procedimentos narrativos. O seu estilo, simples, marcado pelo diálogo, ritmo, sonoridade, intensidade e *suspense*, tornou-se favorito para os jovens leitores. A sua obra, marcada pelo compromisso, abrange todos os géneros: ficção científica, romances policiais, história, poesia, ensaios, realismo crítico, etc.

O escritor de Barcelona detalha neste decálogo breve, mas conciso, alguns conselhos para obter personagens confiáveis.

10 Conselhos úteis para criar personagens

1. Nunca descrevas as personagens na totalidade. Deixa o leitor imaginar e interpretar enquanto lê.
2. Não comeces uma história dizendo logo como são as personagens. Assim roubas ao leitor a magia da imaginação.
3. Dedicar duas ou três páginas para explicar até à exaustão o botão do traje da princesa é uma perda de tempo.
4. Escreve um artigo sobre as personagens do romance que mais te impressionou ao longo da tua vida como leitor, analisa como são, quais as suas características e, sem copiá-las, apenas para aprenderes, vê se elas são parecidas com as tuas!
5. Apaixona-te por todos as tuas personagens, boas ou más. Não somos juízes, apenas escritores.
6. Toda a personagem é dual. Não há bons santificados nem maus super perversos (exceto nas fantasias de *Hollywood*)
7. És tu quem maneja a tua personagem. Tu dirige-la. Se ela te fugir da história, perdes o controlo. É por isso que é bom teres isso muito claro no papel e na cabeça, quando começares a escrever.
8. No entanto, se apesar de tudo, ao escrever, uma personagem cresce mais do que o esperado, escuta-a.
9. Para começar a escrever, se és jovem, começa por transformar os que te são mais próximos em personagens, descreve-os, move-os como se fossem parte duma história. Eles são os teus modelos vivos.
10. Não te uses como personagem. Se ficas mal, és masoquista; se ficas bem, és egoísta. Nunca ficarás no meio do caminho. E se o fizeres, que seja para te rires de ti mesmo.



A PALAVRA É TUA

Pequenos grandes escritores

As turmas do 3º A e 3º C, da E.B.1/J.I Telha Nova nº1, do Agrupamento de Escolas de Santo André, no Barreiro, participaram no Projeto LEI - Literatura, Educação e Ilustração.

É um projeto promovido pela Câmara Municipal do Barreiro com o apoio do Fundo Social Europeu/ Portugal 2020 e tem o intuito de apoiar e desenvolver o gosto das diferentes comunidades educativas pela fruição da leitura enquanto melhora os resultados escolares, sobretudo ao nível do português. O “LEI” responde também à necessidade de valorizar e sensibilizar a sua população para a preservação da sua história e cultura local, nomeadamente a representada.

As turmas fizeram um trabalho de pesquisa sobre a *Fauna e a Flora da Mata da Machada*. Esta Mata, sendo a única área florestal de razoável dimensão do Concelho, é considerada o “Pulmão da Cidade” e um local privilegiado para atividades de recreio e lazer, dispõe de um parque de merendas e diversos fontanários, para além de um Centro de Educação Ambiental e de uma rede de estradas e caminhos frequentemente utilizados para práticas desportivas, permitindo à população uma melhor qualidade de vida.

MATIAS NATUREZA

O Matias Natureza
Com sua voz Natural
Contou-nos um certo dia
A história de uma mata
Que é preciso proteger.
Não é uma mata qualquer
É a Mata da Machada
No Concelho do Barreiro
Entre Coima, Santo António e Palhais
Com 385 hectares de floresta
E um sem número de animais.

Muitas aves nela habitam
Alegram com seus cantares
O belo Chapim-azul
O Pintassilvo e a Cotovia.
A Póua, o Cartaxo, o Gaio e a Pega
O Melro e o Pisco-de-peito-ruivo
E a inconfundível Toutinegra.
A Águia-de-asa-redonda
A Gralha e o Abelharuco
A Galinha-de-água e o Pato-real
O Pica-pau e o Cuco.

Outros animais a habitam
Como a Osga e o Sardão
O Rato-do-campo e a Toupeira
A Lagartixa-do-mato e a Cobra-rateira
A Raposa e o Morcego-anão
A Cobra-de-água e a Salamandra
Com suas pintas de cor
A Rã-verde e o Sapo-comum
E o acastanhado Sapo-corredor
O atento Coelho-bravo
A Geneta, mas que estranho
E o pequeno Musaranho

Esta Mata também tem
vegetação variada
o plátano e o medronheiro
o pinheiro bravo e o manso
o eucalipto e o sobreiro
o grande salgueiro preto
e a acácia invasora
que apesar de bonita
é grande destruidora.

PALAVRAS

Este é o meu momento
Palavras ao vento.
Eu sou um animal
No mundo global.
Está na hora!
Tudo para fora!
Grande cidade,
Que felicidade!
Eu jogava xadrez
Quando era a minha vez.
Rica prima,
Faz aí uma rima.
Uma tempestade?
Que novidade!
Esta é a minha imaginação
Que tenho no Verão!

O MAR

O mar feliz
Com as ondas a baloiçar
De um lado para o outro
Sempre a cantar.

Ver para querer
Ir para poder
Tocar, olhar, humm...
Não há mais nenhum
Só há um!

Nadar, nadar
Sem poder parar
De um lado para o outro
Sempre a cantar.

Peixes sempre a cantar
Como o mar.

Será que o mar gosta de mim?
É que eu, sim!

MARTE

Marte tão avermelhado
Que me faz pensar...

Ele é tão redondo
E não para de rodar
Deve ficar atordoado
De tanto rodopiar.

Ele fica lá longe
E eu não consigo tocar,
Ele é imenso e água
Não tem para dar.

Quarto planeta
A contar do sol
Muitos mais vou encontrar
Se subir a um farol.

Também podemos encontrar
Vegetação bem rasteira
O chorão a urze vermelha, a carvalhiça,
As estevas, as ericas, o sargaço-mouro
A linda roselha pequena
E o tojo cor de ouro.
A beleza das flores
Da sargacinha e do rosmaninho
Não deixam nada a dever
À flor do sangalho
Da carqueja e do tomilho.

Sendo o pulmão do Barreiro
Devemo-la preservar
Outrora a sua madeira
Na época dos descobrimentos
Construiu as naus e as caravelas
Para em mares navegar
E descobrir novas terras
Até então, impossíveis de alcançar.

Agrupamento de Escolas de Santo André
Barreiro

A Orfeu Negro ganhou Bologna Prize for the Best Children's Publishers of the Year 2019

A editora **Orfeu Negro** ganhou o prémio da Feira do Livro de Bolonha para a **Melhor editora de livro infantil da Europa**.

Fundada em 2007 e dedicada sobretudo ao ensaio, privilegiando as artes contemporâneas, da dança à fotografia, a Orfeu Negro criou em 2008 a coleção Orfeu Mini só dedicada ao livro ilustrado para os mais novos, e foi por esse trabalho literário que recebeu agora o prémio.

Numa década, a Orfeu Negro editou cerca de uma centena de livros ilustrados, a maioria de autores estrangeiros. Há ainda autores portugueses presentes no catálogo da *Orfeu Negro*, como Catarina Sobral, Madalena Moniz e Carolina Celas.

Em 2013, na primeira edição, o prémio da melhor editora da Europa foi atribuído à editora *Planeta Tangerina*.

António Mota celebra 40 anos de vida literária

António Mota publicou em 1979 o seu primeiro livro para crianças. Assinala por isso este ano 40 anos de vida literária, uma data marcada pelo lançamento do seu primeiro livro para adultos, "No Meio do Nada", editado pela ASA. O escritor diz que já perdeu a conta às vezes que lhe perguntaram quando é que escreveria para adultos. Chegou agora o momento de lançar um livro que, nas suas palavras, estava destinado a ser "a prenda" que iria dar a si próprio neste aniversário literário.

António Mota é um dos autores mais premiados da literatura infantojuvenil portuguesa. Recebeu, entre outros, o Prémio da Associação Portuguesa de Escritores em 1983, o Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens em 1990, o Prémio António Botto em 1996 e o Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens, categoria «Livro Ilustrado», em 2004.

Histórias no Facebook

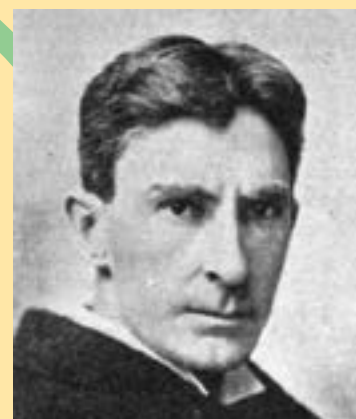
Uma professora do Texas que pretende que os seus alunos continuem a aprender depois da escola, começou a ler histórias de embalar através de um *livestream* do Facebook.

Belinda George, 42 anos, filma-se a ler um livro para crianças na sua sala de estar em pijama todas as noites de terça-feira. Chamam-se "Tucked in Tuesdays" e tornaram-se uma sensação na escola. As histórias podem ser vistas no facebook da Homer Drive Elementary. (Fonte: Independent)

O conto mais curto de Hemingway

Diz-se que o escritor norte-americano **Ernest Hemingway** escreveu o seu conto mais curto para ganhar uma aposta. A aposta era de 10 dólares e consistia em escrever uma história completa com o mínimo de palavras possível.

O texto que Hemingway apresentou foi este: "For sale: baby shoes never worn" (Para venda: sapatos de bebé nunca usados). Com uma frase tão curta, Hemingway conseguiu explicar todo um mundo de pobreza, tristeza e desesperança



O escritor imperfeito

O escritor **Gabriel García Márquez** sempre teve problemas com a ortografia, como reconhece no seu livro "Vivir para contarla". E os problemas eram tão graves que os seus editores não acreditavam que um Prémio Nobel escrevesse com erros.

O próprio escritor conta a anedota de que houve um tempo em que se correspondia frequentemente com um amigo e, um dia, depois de passarem juntos a tarde, o escritor disse ao seu amigo: "Esta semana escrever-te-ei sem falta", ao que o amigo respondeu: "Não faça esse esforço, escreva-me como sempre".

Café, escrever, escrever e misoginia

Sabias que **Honoré de Balzac** (1799-1850), que mudou o seu verdadeiro apelido, Balssa para outro que soava mais aristocrático, tomava um café atrás do outro ao longo do dia? Tudo para escrever um mínimo de 18 horas diárias a um ritmo frenético.

Dizia que não havia no mundo uma única mulher que merecesse deixar a pena para estar com ela!

Um bom negócio

O escritor **Thomas Dixon** (1864-1946) cedeu a sua obra "The Klansman" como base para o guião do filme mudo "O nascimento de uma nação" (1915)

Os produtores do filme ofereceram-lhe 10.000 dólares pelos direitos, mas só lhe puderam pagar 2.500 com 25% dos ganhos da película.

Dixon aceitou de mau grado, mas a película obteve tremendo êxito que os seus bilhetes se converteram em milhares de dólares.

Uma tarde de terror inesquecível

Mary Wollstonecraft Godwin era uma menina inquieta e inteligente que recebeu uma educação muito avançada para a sua época. O seu pai disse-lhe: "A sua ânsia de conhecimento é enorme e a tua perseverança em tudo o que fazes é quase invencível". Quando se casou com **Percy Bysshe Shelley** mudou o seu apelido para o do seu esposo. A determinada altura ela e o marido passaram um verão com o poeta Lord Byron e devido ao clima que convidava muito pouco ao passeio e os obrigava a ficar em casa fechados durante dias. O casal e outros convidados acederam a uma proposta do seu anfitrião que cada um dos convidados escrevesse uma história de terror e entre todos decidissem a mais original e impactante... Sem dúvida que quem mais se destacou foi Mary Shelley, com um texto que começou por ser um relato curto para converter-se num dos livros de terror com mais repercussão na cultura popular e do cinema: *Frankenstein*.

ESCOLA PROFISSIONAL
DE MÚSICA

CONSERVATÓRIO
DE MÚSICA

CONSERVATÓRIO
REGIONAL DE DANÇA

CURSOS LIVRES



TODAA INFORMAÇÃO
SECRETARIA CCA
Rua Nova 112 S. Gonçalo
4600 - 093 Amarante
255 424 285

secretariacentrocultural@gmail.com
WWW.CC-AMARANTE.PT

*O teu lugar
é aqui.*



A leitura de todo o bom livro é como uma conversa com os homens mais esclarecidos de séculos passados; uma conversa electa na qual nos revelam os seus melhores pensamentos.

René Descartes

A leitura foi, para mim, o principal remédio contra as preocupações da vida, não tendo havido nunca um desgosto que não me tenha passado depois de uma hora de leitura.

Montesquieu

Os poetas são como as crianças: quando se sentam na sua secretária, os seus pés não tocam o chão.

(Stanislaw Jerzy Lec)

Ler ensina-nos a pensar e torna-nos mais livres.
Anónimo

Pela leitura tornamo-nos contemporâneos de todos os homens, mulheres e cidadãos de todos os países.

Antoine H. De la Motte

A poesia torna-nos mais ternos, mais sãos, mais afetuosos, mais atentos aos problemas que nos rodeiam, mais abertos aos outros e também mais respeitadores deste planeta que temos entre mãos. A poesia (...) é o sal da Terra, o mel, e, às vezes, saudável tintura, tão necessária para sarar as feridas.

António A. Gómez Yebra

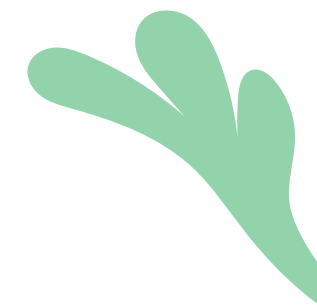
Dos medos humanos, a solidão será o medo dos medos.

Eduardo Sá

Para criar inimigos não é necessário declarar guerra, basta dizer o que pensa.

Martin Luther King

CITAÇÕES PARA PENSAR



Só um livro é capaz de fazer a eternidade de um povo.

Eça de Queirós

Só a cabeça de um morto diz que sim a todos os movimentos que lhe imprimem.

Teixeira de Pascoaes

Se esta nação é tão sábia como forte, se queremos alcançar o nosso destino, então precisamos de mais ideias novas, mais homens sábios, mais bons livros em mais bibliotecas públicas. Essas bibliotecas devem estar abertas a todos, exceto ao censor. Devemos conhecer todos os factos, ouvir todas as alternativas e ouvir todas as críticas. Acolhamos livros polémicos e autores controversos.

John Fitzgerald Kennedy, Ex-Presidente dos Estados Unidos.

Aprender a ler foi a coisa mais importante que me aconteceu. Quase 70 anos depois lembro claramente a magia de traduzir as palavras em imagens.

Mário Vargas Llosa, Prémio Nobel de Literatura.

Escreve-se sempre para dar a vida, para liberar a vida, aí onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga.

Gilles Deleuze

O fim da arte inferior é agradar, o fim da arte média é elevar, o fim da arte superior é libertar.

Fernando Pessoa

Escrevo para desiludir com mérito, que é a maneira de se fazer lembrar com virtude.

Agustina Bessa-Luís

Os melhores escritores não utilizam artifícios; em qualquer caso, os seus artifícios são secretos.

Jorge Luís Borges

Os idiomas têm frases, ditos, expressões comuns com um significado claro para quem os usa, mas que te deixam «a ver navios», isto é, sem perceber nada. São as ditas «expressões idiomáticas». A língua portuguesa está cheia delas.

Não dar ponto sem nó

Tudo o que alguém diz ou faz com uma intenção ou objetivo específico. Parece que, originalmente, a frase era “não costurar sem nó”, porque, para que a linha, ao costurar, seja presa ao tecido, é necessário um nó na ponta. Assim, costurar sem um nó era inútil, porque a linha não ficava presa. A expressão foi evoluindo até ficar em “não dar ponto sem nó”, ou seja, sem nó ninguém costura!



Tudo está bem quando acaba bem

Às vezes, vivemos situações difíceis e complicadas, carregadas de mal-entendidos e estradas tortuosas. Todavia, quando chegamos ao fim compreendemos que, apesar do tanto que custou, valeu a pena o esforço. Focados no objetivo alcançado, e vendo que tudo terminou bem, vamos tomar uma bebida. Esquecemos as dificuldades porque tudo terminou bem.

Aos três é de vez

É preciso teimar, insistir, para se conseguir algo. Usa-se para dizer que é preciso tentar uma vez, duas vezes... talvez três. A origem dessa frase remonta ao tempo das milícias romanas que eram organizadas em linhas. A primeira fila era ocupada pelos *Pilati*, a categoria mais baixa e a pior armada; a segunda linha era composta pelas constantes, de maior categoria e valor que a primeira; e na terceira fila estavam os agentes, os veteranos, os mais fortes e experientes, os que lutavam melhor. Por isso, dizia-se quando o inimigo alcançava a terceira fila, significando que tinha sido derrotado.



Ser um zero à esquerda

Não ter valor ou reconhecimento. Os números zero colocados à direita aumentam o valor de um número: 1, 10, 100, 1000 etc. Por outro lado, se o zero estiver à esquerda, não altera o valor (a menos que haja vírgulas ou pontos que indiquem que são frações). Portanto, 001 é o mesmo que 1. É inútil colocar esses zeros porque dão o mesmo resultado.

Quando se diz que uma pessoa é um zero à esquerda, quer dizer-se que não é necessário levá-la em consideração, porque ela não tem nenhum tipo de impacto ou valor.

Pode-se (fazer) escrever um poema em que determinada letra é obrigatória em (quase) todas as palavras, ainda que com grafias diferentes.

Alguns exemplos:

C

Com cana não caça o caçador,
a cana é caçadeira de pescador.
Cada coisa casa com seu caso,
se à confusão não deres azo.

G

A gota de água gosta do girassol
e o girassol gosta de tal gosto.
Oxalá que o grande e grave sol
de Agosto não a mate de desgosto.

J

Juraram a Joana e o João,
juntar a jibóia e o javali
a jantar, ou junto de si,
ou na janela da imaginação.

P

Os pés dos patos são as patas,
os pés das patas, patas são.
Com tantos pés ainda desatas
a chamar patas aos pés do patrão.

T

Falta tino ao Tino Tinoco.
Tão pouco tino é desatino
que põe o Tino com o “toco”
e toda a turma sem tino.

João Manuel Ribeiro (*Soletra a Letra*)

Agora eu:



PARA BRINCALHARES

PALAVRA PUXA PALAVRA

Escrever um primeiro verso.
Continuar a escrever os versos seguintes, iniciando cada linha com a última palavra da linha anterior.
Se puder rimar, melhor.

Alguns exemplos:

AMANHÃ É DOMINGO

Toca o sino
O sino é de ouro
Mata-se o touro
O touro é bravo
Ataca o fidalgo
O fidalgo é valente
Defende a gente
A gente é fraquinha
Mata a galinha
Para a nossa barriguinha.
(Do Património Oral)

A BOLA É REDONDA

Em cima de uma pomba
A pomba é branca
Em cima de uma tranca
A tranca é de pau
Berim-bim-bau
(Do Património Oral)

O SENHOR É PARVO

O senhor é parvo
parvo é o senhor
senhor dos passos
passos do concelho
concelho de ministros
ministro da guerra
Guerra Junqueiro
Junqueiro dos mares
mares da China
China Xangai
Xangai xequé
xeque mate
mate quem
mate o senhor
o senhor é parvo
parvo é o senhor!
(Do Património Oral)

Agora eu:

SOPA DE LETRAS

ECOLITERACIA

I F T S A A E C E E A R R A B L
P D I I D B S P A C O S Ç B U R
O M N E R D C E G O C N I A E A
Ã I O O E O E L T S A O T C U R
Ç L L A R R F M I S D M O A I U
A Z E R U T A N A I O L I X O I
C O T F R I T S V S I G M L I S
I S N O L T E E F T R G Á Z C I
F A E L M O R E E E E G O L O E
I A I M A S R R N M U C Ç M ã U
T A B G I A A E F A M A U L Ç A
R A M D O C T U S S R S A D I U
E D A D I L I B A T N E T S U S
S D L A A F O ã O O A S T A L M
E I A Á Z S R C C C U S I E O ã
D I P R E M M O E ã V I B Z P R

ECOLITERACIA
AMBIENTE
MAR
TERRA
ATMOSFERA
POLUIÇÃO
SUSTENTABILIDADE
ECOLOGIA
ÁGUA
ENERGIA
CLIMA
ECOSSISTEMAS
FLORESTAS
BIODIVERSIDADE
NATUREZA
DESERTIFICAÇÃO
LIXO
CONSUMO

Soluções

I F T S A A E C E E A R R A B L
P D I I D B S P A C O S Ç B U R
O M N E R D C E G O C N I A E A
Ã I O O E O E L T S A O T C U R
Ç L L A R R F M I S D M O A I U
A Z E R U T A N A I O L I X O I
C O T F R I T S V S I G M L I S
I S N O L T E E F T R G Á Z C I
F A E L M O R E E E E G O L O E
I A I M A S R R N M U C Ç M ã U
T A B G I A A E F A M A U L Ç A
R A M D O C T U S S R S A D I U
E D A D I L I B A T N E T S U S
S D L A A F O ã O O A S T A L M
E I A Á Z S R C C C U S I E O ã
D I P R E M M O E ã V I B Z P R

PASSATEMPOS DA RÁDIO TROPELIAS & COMPANHIA, A TELEFONIA D'A CASA DO JOÃO



A PLAYLIST DE....

Como sempre na **Rádio Tropelias & Companhia**, a telefonia d'**A Casa do João**, aceitamos a colaboração dos ouvintes...

Se tens entre 7 e 15 anos, podes:

- escolher 15 músicas
- gravar um comentário a cada uma das músicas (no teu telemóvel, por exemplo)
- enviar-nos a lista das músicas (com o respetivo interprete) e o áudio com os teus comentários.

Oferecemos-te um cabaz de 7 livros.

Vá lá, anima-te. Pede ajuda aos teus pais e participa... Bora lá!



CONTA-NOS HISTÓRIAS

Se gostas de contar histórias, nós adoramos-te escutar-te.

Se nos quiseres contar uma história deves:

- escolher uma história (inventada por ti ou por um escritor)
- gravá-la (no teu telemóvel, por exemplo)
- enviá-la para nós (acasadojoao2017@gmail.com).

Não te esqueças de indicar que é o autor da história (e o livro, se for o caso).

Nós oferecemos-te um livro.

Rádio Tropelias & Companhia, a rádio das histórias!



CONVENCE-NOS A LER ESTE LIVRO

Se leste um livro de que gostaste muito, convence-nos a lê-lo também.

Grava (no teu telemóvel ou no computador) um comentário ao livro, apontando as razões pelas quais todos deveríamos ler o livro!

Não há qualquer limite de género, forma ou conteúdo.

Os avós, pais, professores também podem participar, na condição de que nos queiram convencer a ler um livro infantil e/ou juvenil.

Oferecemos-te um livro pela participação.

Convence-nos a ler o teu livro!



